

**QUANDO A PIADA NÃO TEM GRAÇA:  
A PRÁTICA DO *BULLYING* EM AMBIENTE ESCOLAR<sup>1</sup>**

Nínive Condeixa Gomes<sup>2</sup>

## **1. INTRODUÇÃO**

A presente monografia consiste em uma pesquisa exploratória sobre as percepções do *bullying* por parte de estudantes de primeiro e segundo graus na região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro. Minha disposição para tratar do tema se deu em dois momentos, os quais coexistem sem haver uma ordem de prioridade entre eles, uma vez que os mesmos caminharam lado a lado. A minha inquietação acadêmica se iniciou em decorrência de minha experiência no curso de Licenciatura em Matemática, onde eu pude conhecer a escola através do olhar do professor e não somente pelo olhar do aluno, no qual eu me enquadro até então. Essa oportunidade de poder olhar o mesmo palco de atuação sob outras óticas é de um crescimento e aprendizagem inigualáveis. É a oportunidade de mudar de papel no mesmo ambiente e, com isso, mudar comportamentos, falas, posturas e, aquilo que compõe a sociedade, as relações. Para Camargo, a definição mais geral de sociedade pode ser resumida como um sistema de interações humanas culturalmente padronizadas [...] A sociedade é um sistema de símbolos, valores e normas, como também um sistema de posições e papéis” (CAMARGO, 2014:XX)

Durante esse percurso na licenciatura, eu cursei as matérias de educação da grade curricular, fiz as pesquisas e práticas em ensino, estágios obrigatórios, participei do programa Mais Educação, Programa Segundo Tempo e PIBID. Eu considerava certa a minha formação como professora.

Repentinamente, a sede por mudança me fez ir à busca de novos rios. Fui aprovada no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) com pontuação para o curso de Segurança Pública e Social. Tratava-se de um curso novo, cuja temática me chamou a atenção por diferentes motivos, que não vem ao caso para esse trabalho. Eu tranquei a matrícula na faculdade de Matemática e mergulhei de cabeça nessa nova carreira que me esperava.

---

<sup>1</sup> Monografia de conclusão do Bacharelado em Segurança Pública da Universidade Federal Fluminense, defendida no ano de 2020. Foi orientador o professor Lenin Pires. Compuseram a banca na qual o trabalho foi aprovado o professor Marco Alexandre Verissimo e a professora Juliana Vinuto

<sup>2</sup> Bacharel em Segurança Pública pela Universidade Federal Fluminense

Após 4 anos de formação, e com a chegada do momento da escrita da monografia, eu me peguei refletindo que a minha carreira acadêmica se construiu anos antes e que eu não poderia simplesmente excluir essas outras experiências tão importantes na minha vida. Surgiu, assim, a vontade de juntar tudo o que aprendi, vivenciei e senti nesses últimos anos e fechar esse ciclo com as vivências que trago.

Junto então a minha experiência escolar com a curiosidade em entender as relações de conflitos que formam o *Bullying*, pois presenciei algumas “brincadeiras” onde só um lado da história se divertia e eu tentava administrar esses conflitos. Conflitos esses que há muito cercam as relações nas escolas, mas cujo número de casos tem sofrido acréscimos, principalmente após ganhar a identificação de *Bullying*. Esse, portanto, é o assunto da presente monografia.

Parto do princípio que desde o início dos tempos o convívio social é marcado por relações de conflitos e esses conflitos sociais podem envolver a violência. Contudo, o conflito que existe por detrás do *bullying* é desconfortante, ameaçador e traumatizante. Por ocorrer, em maior número nas escolas, o *bullying* ainda carrega pontos que merecem um destaque sob nosso olhar: a escola é uma das primeiras instituições sociais que o indivíduo integra, fazendo com que, se não for combatido, ele considere aceitável a prática do *bullying* dentro dessa instituição. A pesquisa se perguntou por que se inicia o *bullying* em ambiente escolar, mas também teve por objetivo analisar qual a possível influência da família na prática do *bullying*. Compreender as relações interpessoais existentes nas instituições sociais família-escola e conhecer os conflitos e eventuais consequências que o *bullying* proporciona ao autor e vítima.

Em minha pesquisa, como falarei mais detidamente, eu utilizei a abordagem qualitativa, de caráter exploratório. Foi feito como instrumento de construção um questionário com 32 perguntas exploratórias, sendo elas divididas em 7 seções. O questionário foi disponibilizado pela plataforma *Google Forms*. O questionário foi encerrado e analisado levando em consideração principalmente a faixa etária e os depoimentos. Foi feito um levantamento de quantos participantes já tinham conhecimento sobre o *bullying*, bem como se considerava grave fazer piadas acerca de alguém, haviam tido algum contato com o *bullying*, seja vítima, observador ou agressor, entre outros.

Segundo o dicionário brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis, *Bullying* é: “ato agressivo sistemático, envolvendo ameaça, intimidação ou coação, praticado contra alguém, por um indivíduo ou um grupo de pessoas. Ocorre geralmente em escolas, porém,

pode ser praticado em qualquer outro local. Trata-se de ação verbal que pode, em situações extremas, evoluir para agressão física”. Agressão essa que vem ganhando destaque nos telejornais, nos cinemas, nas novelas e em séries. A exemplificar, o filme “Carrie, A Estranha”<sup>3</sup>, a série de grande crítica “Thirteen Reasons Why”<sup>4</sup> (Os Treze Porquês) e a novela “As Aventuras de Poliana”<sup>5</sup>.

Desde o início dos tempos o convívio social é marcado por relações de conflitos e esses conflitos sociais podem envolver a violência. Para alguns autores da Sociologia do século XX, o conflito é formado por questões positivas e negativas. O conflito está assim destinado a resolver dualismos divergentes; é um modo de conseguir algum tipo de unidade, ainda que através da aniquilação de uma das partes conflitantes (SIMMEL, 1955 *apud* MORAES FILHO, 1983). Lewis Coser (1950), baseado na obra de G. Simmel, defendeu que, em certas situações, o conflito pode contribuir para preservar a ordem social ao funcionar como válvula de escape, e assim fortalecer a organização social.

O conflito pode ter mesmo ajudado na expansão da humanidade com seus aspectos positivos e negativos; contudo, o conflito que existe por detrás do *Bullying* é desconfortante, ameaçador e traumatizante. É o conflito com violência psicológica e, em alguns casos, física, que deixa marcas permanentes em quem a sofre podendo ocasionar a morte, tanto em forma de homicídio como suicídio.

Por ocorrer, em maior número, nas escolas (como citado anteriormente), o *Bullying* ainda carrega pontos que merecem um destaque sob nosso olhar: a escola é uma das primeiras instituições sociais – aqui entendidos como um conjunto de valores, regras, normas sociais, práticas comuns a um grupo de indivíduos que são reconhecidas e aceitas pela sociedade – que o indivíduo integra, fazendo com que, se não for combatido, ele

---

<sup>3</sup> Baseado nos manuscritos de Stephen King de 1974 (onde ele se baseou numa garota que havia conhecido na juventude e que muitos afirmavam possuir habilidades psíquicas) esse livro se tornou um *best-seller*. O longa homônimo de 1976 foi o resultado do encontro entre Brian De Palma (Diretor, Roteirista) e Stephen King (Escritor, Roteirista). De lá pra cá vem ganhando novas roupagens, sendo relançado em 2002 e em 2013, e ganhando uma continuação em 1999.

<sup>4</sup> Série de televisão norte-americana, dirigida por Brian Yorkey, lançada em março de 2017 no Netflix. Baseada na obra literária Os 13 Porquês de Jay Asher, a série conta com três temporadas, a segunda lançada em maio de 2018. Abordando assuntos polêmicos que afetam muitos jovens como depressão, *bullying*, isolamento, abuso sexual e suicídio, a série foi um sucesso imediato, conquistando a atenção do público por todo o mundo.

<sup>5</sup> Telenovela brasileira produzida e exibida pelo SBT (Sistema Brasileiro de Televisão) com início em 2018 com previsão de duração de 2 anos. A trama é uma adaptação feita por Íris Abravanel da obra literária "Pollyanna", de Eleanor H. Porter, um *best-seller* de 1913 considerado um clássico da literatura infanto-juvenil. A história tem como objetivo imprimir a moral de "renovar a esperança com pensamento positivo para ver o lado bom da vida".

considere aceitável a prática do *Bullying* dentro dessa instituição e que leve até mesmo para fora dela.

Outro ponto a se considerar é a idade dos praticantes desse ato. De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), considera-se criança a pessoa até doze anos de idade incompletos e, adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade. Idade essa que faz parte dos grupos vulneráveis onde “não têm sequer noção de que estão sendo vítimas de discriminação ou que seus direitos estão sendo desrespeitados: eles não sabem sequer que têm direitos.” (PASCHOAL; MARTA, 2012) e que estão em formação para a vida adulta, demandando assim um acompanhamento, orientação e cuidado. Segundo o Ministério da Saúde (2010) “durante a adolescência ocorrem mudanças de ordem emocional que são de extrema importância para o indivíduo, tais como o desenvolvimento da autoestima e da autocrítica” (BRASIL, 2008).

Essa pesquisa, assim, tem como inquietação o porquê da prática do *bullying* se dar no ambiente escolar, principalmente, envolvendo crianças e adolescentes, sobretudo. É claro que, se compararmos com os ambientes considerados “adultos” também se pode arguir acerca da existência de conflitos envolvendo os atores. Noções como “brincadeira de mal gosto” ou mesmo “assédio moral” dão conta dessa dimensão. Entretanto, há um aspecto que me chamava a atenção nas situações que vivenciei, que diziam respeito a uma certa continuidade entre o *bullying* nas escolas e certas ocorrências que se conectam com os ambientes familiares das crianças e adolescentes. Entretanto, diferentemente do que ocorre com a maioria dos casos envolvendo os adultos, a instituição familiar quase sempre acaba sendo acionada. Seja quando é informada da ocorrência de *bullying* pela vítima ou, na maioria dos casos, pela escola. Esta última, inclusive, em algumas ocorrências, pode acionar também a família do agressor.

Eu tinha por expectativa compreender em que nível as instituições escolares e familiares partilhavam essa experiência. Na minha perspectiva, tanto a personalidade da vítima quanto a do agressor se construía a partir de contornos estabelecidos em ambiente familiar. Pelo menos era a minha percepção enquanto professora. Eu queria fazer uma pesquisa que dialogasse com esta última, de maneira a estabelecer parâmetros para que a escola compreendesse a urgência de dar atenção redobrada ao tema e contribuir com as famílias na formação das crianças e adolescentes. Contudo, como será visto, minhas ambições tiveram que se ajustar a limites mais estreitos.

O presente estudo se constitui de duas partes. Em uma primeira, constituída dessa

introdução, eu apresento elementos de natureza metodológica, para que o leitor saiba como a pesquisa foi feita. Na sequência eu realizo uma revisão literária sobre o tema com o objetivo de analisar qual a possível influência da família na prática do *Bullying* formulando como questão porque, afinal, se inicia o *Bullying* em ambiente escolar?

Por outro lado, traçam-se como objetivos também compreender as relações interpessoais existentes nas instituições sociais Família-Escola e conhecer os conflitos e eventuais consequências que o *Bullying* proporciona ao autor e vítima. Como afirmam Miranda & Maia (2017), a escola é uma instituição de grande influência na delimitação de identidades em nossa sociedade, particularmente de gênero. Nela se arquitetam naturalizações acerca do mundo à nossa volta, construindo noções sobre o “normal”. Nesse diapasão, segundo os autores, há uma naturalização no interior da escola sobre as manifestações de comportamentos adquiridos na socialização familiar, valorizada como a principal, cujos valores não devem ser alterados pela escola. Consequentemente, se pode observar a reprodução de modelos ali instaurados - como a de hegemonia do gênero masculino sobre o feminino, por exemplo - adquirindo visibilidade através de manifestações comportamentais, visuais e verbais, assim como invisibilizando moralidades e crenças pré-adquiridas ao convívio escolar (NOVOA, 1990 APUD MIRANDA & MAIA, 2017).

Por isso, o estudo bibliográfico que empreendi será complementado com dados empíricos, construídos através de algumas entrevistas, conversas informais e pela aplicação de um questionário, conforme descreverei mais detidamente a seguir.

Espero, dessa forma, dar uma pequena contribuição que possa interessar a diferentes áreas de conhecimento sobre a sociedade. Dentre elas a área da psicologia, ressaltando a importância de um psicólogo escolar no acompanhamento das turmas e destacando o seu olhar clínico para além de condutas e personalidades, mas na identificação de necessidades e aperfeiçoamentos dessas para que as relações que caracterizam o ambiente escolar sejam as menos conflitantes possíveis, trabalhando de maneira preventiva, interventiva e acolhedora para os que foram marcados por esse tipo de violência, seja autor ou vítima. Na área da educação, espero destacar para os professores a necessidade para se atentarem às manifestações, as causas e efeitos do *bullying*, a fim de colaborar positivamente para a prevenção e término de sua prática em sala de aula, como também nos demais espaços institucionais de ensino. Para a área de segurança pública e social, finalmente, quero chamar a atenção para um novo campo de

diagnóstico e administração de conflitos; além de identificar diversas formas de violência que compõem o *bullying*, espero ser possível prevenir e evitar que um atual praticante se torne um adulto violento e sem limites em suas relações futuras.

## 2.METODOLOGIA

Em minha pesquisa utilizei a abordagem qualitativa, de caráter exploratório, onde serão usadas as técnicas de construção de dados também qualitativas. De acordo com Godoy:

A pesquisa qualitativa não procura enumerar e/ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados. Parte de questões ou focos de interesses amplos, que vão se definindo à medida que o estudo se desenvolve. Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo. (GODOY, 1995, p. 58).

Já as pesquisas exploratórias têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses, além do aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. De modo a possibilitar a consideração dos mais variados aspectos relativos ao objeto estudado, seu planejamento é bastante flexível. Na maioria dos casos, essas pesquisas envolvem: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que "estimulem a compreensão" (GIL, 2002).

Como referi, meu estudo dialoga fortemente com minha própria experiência enquanto estagiária docente por um período bastante significativo. Condição na qual conheci um grande número de professoras e professores, tendo estabelecido relações profissionais e de confiança com um grande número deles. Estes últimos também são interlocutores dessa pesquisa, uma vez que com eles discuti não só nossas percepções sobre as práticas de *bullying*, enumerando seus principais aspectos, como também realizei entrevistas para construção de minha hipótese de pesquisa.

Eu tinha o interesse de realizar entrevistas em profundidade com crianças e adolescentes com o conhecimento e anuência de seus respectivos pais ou responsáveis. Também esperava partilhar dos espaços escolares com os estudantes e, na medida do possível, conhecer espaços domésticos e familiares. Entretanto, as dificuldades de tempo, em decorrência do trabalho, não permitiram que eu levasse a efeito um

cronograma construído para o segundo semestre de 2019. A expectativa era que em 2020 eu o fizesse, mas a Pandemia Mundial da COVID-19 me obrigou a lançar mão de técnicas menos ambiciosas, impondo um escopo mais estreito de possibilidades de interpretação.

Eu usei como instrumento dessa construção interpretativa um questionário com 32 perguntas exploratórias, sendo elas divididas em 7 seções, a saber: 1) Termo de Consentimento; 2) Pessoal; 3) Irmãos; 4) Pessoal; 5) Escolar; 6) *Bullying* e 7) Você é muito importante!. Dessas 32 questões, 30 foram questões fechadas e 2 abertas, sendo elas:

a) Das fechadas:

- 1 foi para o termo de consentimento na qual o participante responderia se queria responder ou não ao questionário depois de ter lido para qual fim se daria a pesquisa;
- 2 que só seriam respondidas se o participante marcasse a opção de ter irmãos, ou seja, se não possuísse irmãos não responderia;
- 3 com as alternativas fixas, não podendo acrescentar opção.
- 24 com a alternativa de marcar a opção “Outro” na qual ele escreveria uma resposta que não estava dentre as demais;

b) Das abertas:

- 1 sobre o que poderia ser feito para mudar o comportamento de quem pratica o *bullying*;
- 1 para relatar a experiência com o *bullying*.

O questionário é um instrumento de recolha de informação que permite, tanto ao investigador, quanto ao educador, obter com facilidade um conhecimento amplo a respeito do problema em estudo (FREIRE; VEIGA SIMÃO; FERREIRA, 2006).

Para Miranda (2009) o questionário atinge várias pessoas ao mesmo tempo, obtendo um grande número de dados. Algumas das principais vantagens de um questionário é que nem sempre é necessária a presença do investigador para que o respondente responda às questões.

Ribeiro (2008) destaca os pontos fortes do questionário, tais como: garantia do anonimato, questões objetivas de fácil pontuação, questões padronizadas que garantem a uniformidade, deixar em aberto o tempo para as pessoas pensarem sobre as respostas, facilidade de conversão dos dados para arquivos de computador, custo razoável.

Durante o processo de elaboração dessas questões, procurei, de forma anônima, conhecer o indivíduo que o respondia, de modo que eu conseguisse alcançar suas emoções e sensações dentro do ambiente familiar e escolar. O “Questionário para o estudo da

violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico” elaborado por Freire, Veiga Simão e Ferreira em 2006, serviu como base para a elaboração deste, havendo a retirada e o acréscimo de questões a fim de cercar os aspectos importantes para a discussão deste trabalho.

O questionário foi disponibilizado pela plataforma Google Forms no período de 02/08/2020 a 10/08/2020, onde além de ser aberto ao público de qualquer faixa etária que já tenha tido contato com o *bullying*, houve o auxílio de uma professora que ministra aulas na rede pública e particular e que divulgou o questionário aos seus alunos através da plataforma Google Classroom para os estudantes do colégio estadual em São Gonçalo com a autorização da diretora da unidade, e através da rede social Facebook para os estudantes do colégio da prefeitura de Niterói com a autorização da coordenadora da unidade, fazendo com ele chegasse a participantes de faixa etária escolar, principal grupo de interesse, onde se pode discutir sobre o *bullying* atualmente.

Ao todo foram obtidas 112 respostas nas quais puderam ser respondidas a partir de suas residências, uma vez que por ocasião da COVID-19 as aulas foram suspensas e o planejamento de encontros e entrevistas para o colhimento de informações não se concretizou. Com isso, a alternativa encontrada diante dessa dificuldade foi o questionário on-line como explicitado anteriormente.

O questionário foi encerrado e analisado levando em consideração principalmente a faixa etária e os depoimentos. Foi feito um levantamento de quantos participantes já tinham conhecimento sobre o *bullying*, bem como se considerava grave fazer piadas acerca de alguém, haviam tido algum contato com o *bullying*, seja vítima, observador ou agressor, entre outros.

Resumidamente, a idade com o maior número de respostas foi a de 14 anos. O gênero feminino também se destacou havendo a participação de 59 pessoas. A categoria racial predominante foi a negra. Dos respondentes, apenas 2 tinham necessidades especiais. Quanto aos moradores da residência, o destaque se deu para as famílias que são compostas por mãe, pai e irmãos. 32 participantes são irmãos mais novos. 32 pessoas responderam ajudar a cuidar dos irmãos. 88 participantes possuem algum responsável que trabalha fora. Dos participantes, 88 recebem ajuda dos pais nas atividades escolares ou recebem ajuda as vezes. Observa-se também que 61 pessoas classificaram seus relacionamentos familiares como ótimo. 28 alunos eram do 8º ano do ensino fundamental. 98 participantes da rede pública. 69 classificaram o ambiente da escola como

“aconchegante e acolhedor”. Quando perguntado sobre o *bullying*, apenas um não tinha conhecimento sobre. 84 pessoas consideram grave fazer piadas sobre o corpo e o intelecto de alguém e esse número vai pra 94 quando se trata de piada sobre as condições sociais. 53 pessoas não haviam sido vítimas de *bullying*, o que significa que quase metade dos participantes já sofreram com o *bullying* de alguma forma. Ao serem perguntados sobre o que leva uma pessoa a praticar o *bullying*, a resposta que mais se destacou foi imaturidade, seguida de chamar a atenção e falta de amor.

Mas chamou minha a atenção que a opção fofocas foi a campeã das práticas do *bullying*. Discutirei isso mais adiante.

### 3. REVISÃO DE LITERATURA

#### 3.1 BULLYING

“Só ri das cicatrizes quem nunca foi ferido”

William Shakespeare

Por ser visto como brincadeira de criança e por ocorrer desde o início da criação da escola, até início dos anos 70 não foi objeto de estudos e era descrito como um fenômeno que ocorria na relação entre os pares no ambiente escolar. Foi no início dos anos 70 que a Suécia e a Dinamarca adentraram o assunto com estudos sistemáticos. Entretanto, o *Bullying* só foi reconhecido e assim nomeado na década de 80 por Dan Olweus, professor da Universidade de Bergen, na Noruega. O assunto se destacou gerando interesse quando a mídia, em 1982, noticiou o suicídio de três crianças entre 10 e 14 anos de idade, sendo apontado como causa principal de tal ato a violência entre pares. Famílias e escolas demonstraram grande preocupação e o Ministério da Educação observou a gravidade do problema. O pioneiro Dan Olweus, em 1983, desenvolveu uma grande campanha nacional contra o *bullying*. (FANTE, 2015, p.81)

Ainda sem uma tradução para a língua portuguesa, *Bullying* é uma palavra de origem inglesa onde “Bully” no substantivo significa “valentão”, “mandão”, “tirânico” e no verbo significa “ameaçar”, “maltratar”, “assustar”, “oprimir” e o sufixo “ing” representa uma ação continuada. O que dá a ideia de valentão, mandão e tirânico, ameaçando, maltratando, assustando, oprimindo o tempo todo.

Para Fante (2015), o *bullying* é, universalmente, conceituado como sendo um conjunto de comportamentos, intencionais e repetitivos, adotado por um ou mais

estudantes, sem motivação evidente, causando dor e sofrimento, dentro de uma relação desigual de poder. Camargo (2015) compartilha da definição de Fante acrescentando que é um tipo de violência entre pares com características próprias e que essas características diferenciam o *bullying* de outros tipos de violência que acontecem dentro e fora da escola. Rosa (2015) define como além de violência física, são atos de violência psicológica intencionais e repetidos. Ele ainda lembra que esse fenômeno não é uma novidade e o *bullying* é “uma nomenclatura do assédio, da injúria e da dominação sempre existentes e colocadas, até então, na conta de uma manifestação própria de violência: real, simbólica ou imaginária” (p.14)

Na Cartilha 2010 – Justiça nas Escolas, encontramos o seguinte significado:

“o bullying é um termo ainda pouco conhecido do grande público. De origem inglesa e sem tradução ainda no Brasil, é utilizado para qualificar comportamentos agressivos no âmbito escolar, praticados tanto por meninos quanto por meninas. Os atos de violência física ou não ocorrem de forma intencional e repetitiva contra um ou mais alunos que se encontram impossibilitados de fazer frente às agressões sofridas. Tais comportamentos não apresentam motivações específicas ou justificáveis. Em última instância, significa dizer que, de forma ‘natural’, os mais fortes utilizam os mais frágeis como meros objetos de diversão, prazer e poder, com o intuito de maltratar, intimidar, humilhar e amedrontar suas vítimas” (BRASIL, 2010, p. 7).

Segundo Prudente (2015, p.137) “é normalmente no ambiente escolar que o *bullying* está mais presente, e existe em toda e qualquer instituição de ensino, desde o jardim de infância até a faculdade, pública ou privada, rural ou urbana ou mesmo de educação especial”.

A Associação Brasileira de Proteção à Criança e ao Adolescente (ABRAPIA) caracterizou os envolvidos no *bullying* como autores, alvos, espectadores e alvos/autores. Dessa forma, a classificação toma o cuidado de não rotular os estudantes e evita que sejam estigmatizados pela sociedade (FREIRE; AIRES, 2012).

### 3.1.1 AUTORES

Os autores de *bullying* humilham os colegas para se destacarem socialmente, são eles quem praticam as agressões contra os colegas, vitimizando os mais fracos e agredindo para se impor e liderar algum grupo. Geralmente são habilidosos e usam desse “poder” com os mais vulneráveis e que não fazem frente às agressões por não conseguirem (SCHÄFER, 2005, apud FREIRE; AIRES, 2012).

Os “valentões” assumem outra postura diante da convivência do grupo e a omissão dos adultos, fazendo com que abandonem os sentimentos de generosidade, empatia, solidariedade, afetividade, tolerância e compaixão. Pais e educadores se ausentam, seja propositadamente ou não, e não veem as falhas na formação do caráter serem acentuadas

(FANTE, 2008).

### 3.1.2 VÍTIMAS

Os alvos do *bullying* são escolhidos pelas diferenças individuais, onde as características físicas, comportamentais ou emocionais podem dificultar a sua aceitação no grupo, tornando-os suscetíveis aos atos que formam o *bullying*, podendo o risco de se tornarem alvos dessas ações serem duas a três vezes maiores para as crianças portadoras de necessidades educacionais especiais e portadoras de deficiência física do que para as crianças consideradas normais (LOPES NETO, 2005; FANTE, 2005).

### 3.1.3 ESPECTADORES

O espectador, geralmente, age como se não tivesse a ver com o problema pelo medo de uma punição da autoridade, mas, ao mesmo tempo, ainda que de maneira controlada, também ri da crueldade feita a alguém, não porque concorda com ela, mas pelo temor de se tornar a próxima vítima (TOGNETTA; VINHA, 2008).

Grande parte das testemunhas sente simpatia pelas vítimas, sente-se mal ou triste ao presenciar colegas sendo vitimizados, mas não consegue apoiar ou auxiliar a vítima de *bullying* por não saber o que fazer, por ter medo de se tornar a próxima vítima ou por medo de fazer algo errado e causar ainda mais problemas (BANDEIRA<sup>6</sup>, 2009; BERGER<sup>7</sup>, 2007 *apud* BANDEIRA; HUTZ, 2012).

Contudo, o espectador tem papel importante na configuração do *bullying*. Eles tendem a ser os principais responsáveis pelo curso que o *bullying* e seus respectivos resultados tomará, considerando que quando este grupo intervém contra uma situação de violência, de modo geral, ela tende a parar rapidamente (ZEQUINÃO et al, 2016).

### 3.1.4 FORMAS DE BULLYING

Segundo a Cartilha as formas de *bullying* são:

- Verbal (insultar, ofender, falar mal, colocar apelidos pejorativos, “zoar”)
  - Física e material (bater, empurrar, beliscar, roubar, furtar ou destruir pertences da vítima)
  - Psicológica e moral (humilhar, excluir, discriminar, chantagear,

<sup>6</sup> Bandeira, C. M. (2009). *Bullying: autoestima e diferenças de gênero*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

<sup>7</sup> Berger, K. S. (2007). Update on bullying at school: Science forgotten? *Developmental Review*, 27, 90- 126

intimidar, difamar)

- Sexual (abusar, violentar, assediar, insinuar)

- Virtual ou *Cyberbullying* (*bullying* realizado por meio de ferramentas tecnológicas: celulares, filmadoras, internet etc.) (BRASIL, 2010, p. 7).

### 3.1.5 CONSEQUÊNCIAS

As consequências são inúmeras e é possível encontrá-las em todos os grupos, sejam eles os agressores, as vítimas ou os espectadores a depender de cada indivíduo. Contudo, a vítima é a que tem maior probabilidade de continuar sofrendo seus efeitos pelo resto da vida, podendo ter prejuízos na formação de sua personalidade, nas suas relações profissionais, constituição de família e educação dos filhos (LINS, 2010).

Chalita (2007) retrata a dor sentida ao escrever “O *bullying* agride a alma do indivíduo, apequena-o pelo medo ou pela vergonha, pela dor física ou moral” e diz ser motivo de preocupação acrescentando “demonstra que está faltando afeto nas relações entre crianças e adolescentes, possivelmente em razão de problemas familiares”. Ele ainda salienta que a agressividade infantil e juvenil pode ter origem na falta de diálogo e de respeito. A conversa ajuda a entender o que se passa no dia a dia do aluno, portanto é de fundamental importância que a criança tenha um diálogo aberto e liberdade para dizer o que se passa, o que pensa e o que sofre, fazendo com que ela não se tranque na sua dor, onde acaba sendo um sinal de perigo.

Fante (2008) relata que os prejuízos que recaem sobre as vítimas da perseguição podem afetar diversas áreas da vida afetiva, acadêmica, familiar, social e profissional. “Com o tempo, as forças do indivíduo que sofre os abusos são minadas, seus sonhos desaparecem, aos poucos ele vai se fechando e se isolando. Esse talvez seja o pior momento na vida das vítimas: o abandono de si mesmo”. Os sentimentos despertados de insegurança, inferioridade e desejo de vingança, por exemplo, resultam em grande estresse, depressão e fobia e culminam em suicídio e assassinato. Sem contar a dor e a frustração de pertencer a uma instituição que não rompe com essa cultura, os fazendo abandonar a vida acadêmica diante de tamanha pressão.

No ensino superior, há ainda aqueles que aceitam a tortura se sentindo aptos a reproduzi-la após a experiência de agressão, fazendo com que uma dinâmica repetitiva de abusos aconteça, seja no ambiente acadêmico, profissional, social ou na instituição familiar. Quanto à educação dos filhos, há grandes probabilidades de que se mostrem superprotetores, projetando sobre eles seus medos, desconfianças e inseguranças. Diante da dificuldade de se expressar, podem desenvolver déficit e inseguranças no trabalho,

tornando-se presas para o assédio moral (FANTE, 2008).

Lopes Neto (2007) ainda acrescenta que os alvos podem apresentar depressão, ansiedade, baixa autoestima, isolamento, exclusão, perdas materiais etc, fazendo com que esse quadro se perdure até a vida adulta, dificultando profissionalmente e gerando insegurança em estabelecer relações duradouras na vida afetiva.

Os autores, com o passar do tempo, apresentam chances quatro vezes maiores de apresentar comportamentos de risco, com atitudes delinquentes, violentas e criminosas, levando tais riscos a vida adulta e continuando a reproduzir comportamentos violentos nos ambientes de trabalho e família. Por sofrerem com o medo, a dúvida, insegurança e não acreditarem na capacidade da escola em acabar com o problema ou até mesmo no interesse da mesma, o desempenho escolar tende a cair por transferirem a sua atenção às ações agressivas praticadas e sofridas pelos colegas (LOPES NETO, 2007).

### **3.2 FAMÍLIA**

O objeto deste estudo nos remete à influência da família na prática do *bullying*. Pois por ter em suas ações crianças e adolescentes, entende-se que elas não passaram por tantas instituições como os adultos, sendo a família considerada a primeira instituição social. As instituições iniciais (aqui entendidas como família e escola), em conjunto, almejam garantir a continuidade e o bem estar dos seus membros e da coletividade, assim como o bem estar e a proteção da criança. “A família é vista como um sistema social responsável pela transmissão de valores, crenças, ideias e significados que estão presentes nas sociedades” (Kreppner, 2000 *apud* Dessen; Polonia, 2007).

Segundo Dessen e Polonia:

“Como primeira mediadora entre o homem e a cultura, a família constitui a unidade dinâmica das relações de cunho afetivo, social e cognitivo que estão imersas nas condições materiais, históricas e culturais de um dado grupo social. Ela é a matriz da aprendizagem humana, com significados e práticas culturais próprias que geram modelos de relação interpessoal e de construção individual e coletiva. Os acontecimentos e as experiências familiares propiciam a formação de repertórios comportamentais, de ações e resoluções de problemas com significados universais (cuidados com a infância) e particulares (percepção da escola para uma determinada família). Essas vivências integram a experiência coletiva e individual que organiza, interfere e a torna uma unidade dinâmica, estruturando as formas de subjetivação e interação social. E é por meio das interações familiares que se concretizam as transformações nas sociedades que, por sua vez, influenciarão as relações familiares futuras, caracterizando-se por um processo de influências bidirecionais, entre os membros familiares e os diferentes ambientes que compõem os sistemas sociais, dentre eles a escola, constituem fator preponderante para o desenvolvimento da pessoa” (DESSEN; POLONIA, 2007, p. 22).

A seguir, enumero algumas definições de família para que possamos refletir sobre tal influência e observarmos além da nossa para não cometermos o erro de generalizar e

deixar o seu significado simples ao ponto de não agrupar todos os tipos de família.

Para Prado (2017) “a família não é um simples fenômeno natural. Ela é uma instituição social que varia ao longo da história e até apresenta formas e finalidades diversas numa mesma época e lugar, conforme o grupo social que esteja sendo observado.” Ela ainda acrescenta que ao longo de toda a história, nunca foi encontrada uma sociedade que tenha vivido sem alguma noção de família, isto é, “de alguma forma de relação institucional entre pessoas de mesmo sangue”.

No dicionário brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis, Família é: 1 - Conjunto de pessoas, em geral ligadas por laços de parentesco, que vivem sob o mesmo teto. 2 – Conjunto de ascendentes, descendentes, colaterais e afins de uma linhagem ou provenientes de um mesmo tronco; estirpe. 3 – Pessoas do mesmo sangue ou não, ligadas entre si por casamento, filiação, ou mesmo adoção; parentes, parentela. 4 – Grupo de pessoas unidas por convicções, interesses ou origem comuns. 5 – Conjunto de coisas que apresentam características ou propriedades comuns.

É observado a relação consanguínea na noção de família de Prado e em alguns pontos do dicionário. Em outros pontos, encontramos a definição “de mesmo sangue ou não”, “grupo de pessoas unidas por convicções”. Para Petzold (1996 *apud* Dessen; Polonia, 2007), a família é composta por uma rede de interações complexa e dinâmica envolvendo aspectos cognitivos, sociais, afetivos e culturais, fazendo com que a família não possa ser definida apenas pelos laços de consanguinidade, mas sim com um conjunto de variáveis que incluam o significado das interações e relações entre as pessoas.

Prado ainda destaca que:

“A família, como toda instituição social, apresenta aspectos positivos, como núcleo afetivo, de apoio e solidariedade. No entanto, expõe, ao lado desses aspectos, outros negativos, como a imposição normativa por meio de leis, usos e costumes, que implicam formas e finalidades rígidas. Torna-se, muitas vezes, elemento de coação social, geradora de conflitos e ambiguidades. [...] Apesar dos conflitos, a família é única em seu papel determinante no desenvolvimento da sociabilidade, da afetividade e do bem-estar físico dos indivíduos, sobretudo durante o período da infância e da adolescência” (PRADO, 2017, p. 10).

Diante de tais definições, é possível efetuar um levantamento de reflexões acerca de quanto um indivíduo carrega com ele os aspectos e características do seu contexto familiar. Família que, como ficou claro, constitui uma instituição cuja configuração tem diferentes formas. Não obstante, ainda encontramos na Cartilha 2010 – Justiça nas Escolas, as principais razões que levam os jovens a serem os agressores, onde se destaca a importância dos responsáveis no processo de educação e dos responsáveis educacionais

no processo de identificação do tipo de agressor, pois as motivações são diferenciadas:

- 1- Muitos se comportam assim por uma nítida falta de limites em seus processos educacionais no contexto familiar.
- 2- Outros carecem de um modelo de educação que seja capaz de associar a autorrealização com atitudes socialmente produtivas e solidárias. Tais agressores procuram nas ações egoístas e maldosas um meio de adquirir poder e status, e reproduzem os modelos domésticos na sociedade.
- 3- Existem ainda aqueles que vivenciam dificuldades momentâneas, como a separação traumática dos pais, ausência de recursos financeiros, doenças na família etc. A violência praticada por esses jovens é um fato novo em seu modo de agir e, portanto, circunstancial.
- 4- E, por fim, nos deparamos com a minoria dos opressores, porém a mais perversa. Trata-se de crianças ou adolescentes que apresentam a transgressão como base estrutural de suas personalidades. Falta-lhes o sentimento essencial para o exercício do altruísmo: a empatia (BRASIL, 2010, p. 8-9).

As famílias assumem suas formas de diálogo, criação, amor e educação. Para algumas delas a violência é vista como uma forma eficaz de educação e de controle, sendo aceita pelos membros da própria família, inclusive a vítima. Quando se refere a família e até mesmo no trabalho, há uma estreita ligação de dependência entre os membros, seja ela afetiva, emocional ou financeira, fazendo com que a aceitação e silêncio sejam os companheiros de jornada dessas pessoas e gerando grandes prejuízos psíquicos (FANTE, 2008).

As pesquisas em torno do contexto familiar mostram que, grande parte dos adultos que sofreram abusos psicológicos na infância utilizam tais práticas na educação dos filhos e acreditam ser o mais adequado, pois não vivenciaram outros tipos de educação. Em outros casos, se tornam adultos submissos, passivos, indefesos e acreditam serem merecedores dos maus-tratos. E outros ainda reproduzem a violência no espaço socializador imediato à família: a escola. Analisando as relações entre os adultos e observando as interações das crianças na escola, torna-se perceptível o círculo vicioso de abusos. Os padrões relacionais disfuncionais, que antes era acreditado acontecer nas relações entre os adultos, passa a ser visto nas crianças com idade igual ou semelhante, o que agora é reconhecido como *bullying* (FANTE, 2008).

### **3.3 A ESCOLA**

No dicionário brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis, Escola significa: 1- Instituição pública ou privada que tem por finalidade ministrar ensino coletivo. 2- Conjunto de professores, alunos e funcionários de uma instituição de ensino. 3- Prédio onde funciona essa instituição. 4- Sistema, doutrina ou tendência de pensamento de indivíduo ou de grupo de indivíduos que se destacou em algum ramo do conhecimento. 5- Conjunto de adeptos ou seguidores de uma doutrina, pensamento ou princípio estético.

6- Conjunto de princípios ou concepção estética seguido por um grupo de artistas. 7- Soma de conhecimentos; sabedoria, saber. 8- Conhecimento adquirido na experiência prática, na vida; vivência. 9- Algo que é próprio para instruir, para preparar ou acumular conhecimento; experiência.

Para conservar e expandir o desenvolvimento cultural, os núcleos populacionais criaram a escola. Essa Instituição foi destinada a preparar crianças e jovens para realizar as atividades exigidas pela sociedade de modo formal e ampliar o convívio pacífico entre seus pares, gerando um ambiente adequado para a aprendizagem e formação do “bom cidadão”. Contudo, todos os grupos sociais (família, vizinhança, comunidade, nação) apresentavam diversas formas de violência nas quais entraram na instituição escolar. A violência ganhou força e chegou a extremos em todas as escolas do mundo, assustando a sociedade, instituições e governantes fazendo com que o tema de violência na escola se tornasse uma questão mundial, pois envolvia toda a sociedade trazendo consequências ao homem (MOURA SOBRINHO, 2015).

Segundo Freire e Aires (2012), a escola é o local onde o desenvolvimento de habilidades, competências, formação e desenvolvimento de conceitos, saberes e opiniões são estimulados e incentivados. Contudo, é de fundamental importância a busca de alternativas para o combate e prevenção do *bullying*, contando com a ajuda da sociedade, família e profissionais. Vale ressaltar que essas medidas de combate e prevenção ao *bullying* não devem ser prontas e fechadas, pois as realidades são específicas, sejam elas a da escola, da criança ou adolescente, fazendo com que as relações construídas sejam diferenciadas entre os seus.

Para Lopes Neto (2007), a escola acaba contaminada quando não atua efetivamente para a redução do *bullying*, apresenta insegurança, altos índices de agressividade e perda do controle sobre o comportamento dos jovens. Supor a inexistência do *bullying* para não precisar enfrentá-lo, demonstra falta de conhecimento ou intenção de encobrir o problema. A sociedade acaba por receber os prejuízos sociais e as esferas policiais e judiciárias precisarão de uma vigilância e implementação de medidas socioeducativas para os que adotarem comportamentos delinquentes e violentos.

A importância em se trazer à tona um fenômeno que sempre existiu, mas que nunca foi objeto de preocupação para educadores e profissionais de saúde, é entendermos que a escola deve ser vista como um local seguro e saudável para crianças e adolescentes, e não apenas como um lugar que ensina a ler, escrever e contar. Trata-se de um ambiente de socialização, de desenvolvimento da cidadania, onde não se pode admitir que o direito individual de ser educado

sem ser vitimado seja negligenciado (LOPES NETO, 2007).

Vale lembrar, finalmente, que a família e a escola são as primeiras instituições e que são nelas que o desenvolvimento e aprendizagem do ser humano acontecem. Para Dessen e Polonia:

“Os laços afetivos, estruturados e consolidados tanto na escola como na família permitem que os indivíduos lidem com conflitos, aproximações e situações oriundas destes vínculos, aprendendo a resolver os problemas de maneira conjunta ou separada. Nesse processo, os estágios diferenciados de desenvolvimento, característicos dos membros da família e também dos segmentos distintos da escola, constituem fatores essenciais na direção de provocar mudanças nos papéis da pessoa em desenvolvimento, com repercussões diretas na sua experiência acadêmica e psicológica” (DESSEN; POLONIA, 2007, p. 24).

### **3.4 INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA**

No dicionário brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis, Infância significa: 1- Período da vida, no ser humano, que vai desde o nascimento até o início da adolescência; meninice, puerícia. 2-As crianças em geral. 3-Primeiro período da existência de uma sociedade ou de uma instituição. 4- O começo da existência de alguma coisa. 5- Estado de espírito em que não há malícia; credulidade, ingenuidade, inocência. Enquanto Adolescência significa: Período do desenvolvimento humano, entre a puberdade e a idade adulta, durante o qual ocorrem mudanças físicas, como o crescimento acelerado e a maturidade sexual e alterações psicológicas e sociais.

Segundo Caldeira (2008), no século XIII foi atribuído modos de pensar e sentimentos anteriores à razão e aos bons costumes à criança, cabendo aos adultos desenvolver nas crianças o caráter e a razão, pois era pensado que eram páginas em branco a serem preenchidas e preparadas para a vida adulta, ao invés de entender as diferenças delas e a originalidade de seu pensamento. Eram vistas como adultos imperfeitos.

Contudo, alerta-se que a “sociedade está mais consciente da importância das experiências na primeira infância, o que motiva demandas por uma educação institucional para crianças de zero a seis anos” (BRASIL, 1998). Não obstante, Fante (2008) explica que o *bullying* pode ser identificado a partir dos 3 anos, quando a “intencionalidade desses atos já pode ser observada”.

A lei de diretrizes e bases (título V, capítulo II, seção II, art. 29) ainda destaca que “a educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (BRASIL, 1996).

Em relação a infância, cabe avaliar as especificidades afetivas, emocionais, sociais

e cognitivas da idade, ressaltando que o exercício da cidadania pode ser construído pela qualidade das experiências que devem ser embasadas em princípios estabelecidos, e que as crianças têm direito de viver experiências prazerosas nas instituições, mostrando assim a importância da infância nos dias atuais (BRASIL, 1998).

A adolescência é um período marcado por intensas mudanças físicas, emocionais e psicológicas. Os valores, atitudes, hábitos e comportamentos que marcam a vida de adolescentes encontram-se em processo de formação e cristalização. A maneira que pensam e se comportam é influenciada pelos elementos que compõem o meio em que vivem. O Ministério da Saúde aponta, ainda, que “durante a adolescência ocorrem mudanças de ordem emocional que são de extrema importância para o indivíduo, tais como o desenvolvimento da autoestima e da autocrítica” (BRASIL, 2010; BRASIL, 2008).

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (1990) assegura os direitos para a faixa etária correspondente, garantindo que tenham um crescimento saudável e proteção integral. Para o ECA, criança é a pessoa até doze anos de idade incompletos e adolescente é a pessoa entre doze e dezoito anos de idade. Dentre as leis, destaca-se as que competem a esta reflexão:

“Art. 2º Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.

Parágrafo único. Nos casos expressos em lei, aplica-se excepcionalmente este Estatuto às pessoas entre dezoito e vinte e um anos de idade.

Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento

físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

Art. 5º Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.

Art. 17. O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais.

Art. 18. É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.

Art. 18-A. A criança e o adolescente têm o direito de ser educados e cuidados sem o uso de castigo físico ou de tratamento cruel ou degradante, como formas de correção, disciplina, educação ou qualquer outro pretexto, pelos pais, pelos integrantes da família ampliada, pelos responsáveis, pelos agentes públicos executores de medidas socioeducativas ou por qualquer pessoa encarregada de cuidar deles, tratá-los, educá-los ou protegê-los. (Incluído pela Lei nº 13.010, de 2014)

Parágrafo único. Para os fins desta Lei, considera-se: (Incluído pela Lei nº 13.010, de 2014)

I - castigo físico: ação de natureza disciplinar ou punitiva aplicada com o uso da força física sobre a criança ou o adolescente que resulte em: (Incluído pela Lei nº 13.010, de 2014)

a) sofrimento físico; ou (Incluído pela Lei nº 13.010, de 2014)

b) lesão; (Incluído pela Lei nº 13.010, de 2014)

- II - tratamento cruel ou degradante: conduta ou forma cruel de tratamento em relação à criança ou ao adolescente que: (Incluído pela Lei nº 13.010, de 2014)
- a) humilhe; ou (Incluído pela Lei nº 13.010, de 2014)
  - b) ameace gravemente; ou (Incluído pela Lei nº 13.010, de 2014)
  - c) ridicularize. (Incluído pela Lei nº 13.010, de 2014)” (BRASIL, 1990).

### **3.5 É CRIME?**

No dicionário brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis, Crime significa:

1- Segundo a conceituação formal, toda conduta humana que infringe a lei penal sem que se considerem os resultados pretendidos pelo agente. 2- Segundo a conceituação material, fato decorrente de uma conduta humana moralmente imputável que, por ação ou omissão, lesa ou põe em risco um bem jurídico protegido por lei e que se diz consumado quando há concretização do resultado pretendido pelo agente. 3- Segundo a conceituação analítica, toda ação ou omissão típica, antijurídica e culpável. 4- Violação das regras que a sociedade considera indispensáveis à sua existência. 5- Qualquer ação condenável que possa trazer consequências funestas ou desastrosas para a coletividade e/ou segurança social do Estado. 6- Qualquer ato ou fala condenável que tenha repercussões diretas e imediatas sobre a vida de outrem. 7- Erro que traz consequências funestas para si mesmo e/ou para outrem; deslize, falta, mal. 8- Conjunto daqueles que, deliberadamente, praticam ações nocivas à coletividade e passíveis de punição legal; bandidagem. 9- Vida de criminoso; banditismo. 10- Diversão que geralmente atravessa toda uma noite e envolve o consumo de bebidas e drogas, leves ou pesadas, a procura de aventuras sexuais eventualmente promíscuas, a troca dos papéis sexuais tradicionais, o inusitado e o excêntrico ao vestir-se e o total despreendimento das normas e padrões socialmente aceitos; farra, noitada, zorra.

### **3.5 O bullying e sua relação com o crime**

deliberadamente, praticam ações nocivas à coletividade e

Os agressores, como são chamados os que praticam o bullying, sejam meninos ou meninas, também sofrem com esta prática. Afinal, há análises indicando que 60% dos agressores terão passagem pela polícia até os 18 anos de idade. Ou seja, a prática do bullying, independente do sexo do agressor, pode contribuir para a naturalização das práticas de violência, levando os jovens ao crime e aumenta a evasão escolar (MEDEIROS, 2012).

Na próxima sessão eu apresentarei os dados da pesquisa realizada mediante a aplicação do questionário. Entretanto, em diálogo com a bibliografia até aqui, penso ser inaceitável que pais, professores, autoridades públicas e a sociedade em geral naturalizem atitudes como estas presentes na prática do *bullying*. Como poderá ser visto, estamos lidando com jovens estressados, deprimidos, com baixa autoestima e incapacidade de autoaceitação. E, em algum nível, com um processo de pedagogização da violência.

Assim, acredito que meus estudos também contribuem para entender que este fenômeno é praticado por meninas e meninos e que suas consequências atingem a todos nós (MEDEIROS, 2012).

#### **4. A PESQUISA**

Como referi, em função da Pandemia da COVID-19, eu optei por adotar como técnica para complementação dos meus dados a aplicação de um questionário. Esse não era meu objetivo inicial, uma vez que pela garantia de acesso direto a professores e estudantes em escolas da região metropolitana, minha perspectiva era observar diretamente os contextos e realizar entrevistas. Por outro lado, eu dei aulas por pelo menos 4 anos, na condição de estagiária do curso de graduação em matemática. Assim, o ambiente escolar e seus conflitos não são desconhecidos para mim.

Entretanto, trazer impressões ou mesmo expressões de adolescentes e pré-adolescentes para esse trabalho teve como objetivo atualizar minhas percepções, dialogando com aquelas que construí no passado. Por outro lado, e mais importante, me pareceu oportuno colocar em perspectiva esses dados, dialogando com a bibliografia sobre o tema. O exercício buscou, assim, dar uma contribuição, ainda que limitada, para o debate público sobre *bullying*, iluminando o quanto tal conflito tem potencial para ampliar as dores da sociedade e, em algum nível, perpetuar formas de exacerbação das disputas.

O questionário aplicado, como apresentado anteriormente, e que se encontra no apêndice desta monografia, pode ser considerado relativamente extenso. O objetivo foi introduzir as pessoas eventualmente interessadas pouco a pouco no tema e, tanto quanto possível, dar a mais ampla possível visibilidade aos contextos nas quais estão inseridas. Parece-me, pela adesão ao mesmo, que meus objetivos iniciais foram atendidos. Pelo menos é o que me encoraja a interpretar a análise da primeira sessão; das 112 pessoas que iniciaram o mesmo, 102 pessoas aceitaram participar respondendo ao questionário, enquanto 10 pessoas não aceitaram dar continuidade às respostas, finalizando assim a primeira sessão.

Na segunda sessão intitulada como “Pessoal”, a idade com o maior número de respostas foi a de 14 anos (ver tabela 1). O gênero feminino também se destacou, havendo a participação de 59 pessoas (ver tabela 2), enquanto que a categoria racial predominante

foi a negra (pretos e pardos) com 52 participantes (ver tabela 3). Dos respondentes, apenas 2 tinham necessidades especiais (ver tabela 4) e os classificaram como não enxergar de longe e autismo. Quanto aos moradores da residência, o destaque se deu para as famílias que são compostas por mãe, pai e irmãos, seguindo por famílias que são compostas apenas pela mãe (ver tabela 5). Do núcleo familiar ainda se pôde verificar que 18 pessoas não possuem irmãos, enquanto 33 possuem um (ver tabela 6).

TABELA 1 - Apresentação das idades

<b>Idade</b>	<b>Número de participantes</b>
<12 anos	23
13 anos	24
14 anos	29
15 anos	12
16 anos	08
17 anos	02
De 22 a 25 anos	01
De 26 a 30 anos	01
> 30 anos	02

Fonte: Elaborado pela autora, Niterói, 2020.

Observação: Foi colocado no questionário as idades de 18, 19, 20 e 21 anos, contudo não houve participantes com essa faixa etária.

TABELA 2 - Apresentação da identificação dos gêneros

<b>Gênero</b>	<b>Número de participantes</b>
Feminino	59
Masculino	43

Fonte: Elaborado pela autora, Niterói, 2020.

TABELA 3 - Apresentação da categoria racial

<b>Categoria Racial</b>	<b>Número de participantes</b>
Branca	45
Negra (Pretos e Pardos)	52

Fonte: Elaborado pela autora, Niterói, 2020.

Observação: 5 participantes escreveram na opção “other” (outros) que pertenciam a categoria racial morena, os quais não estão descritos na tabela. Eles não estão contabilizados na tabela.

TABELA 4 - Apresentação de necessidades especiais

<b>Necessidades Especiais</b>	<b>Número de participantes</b>
Não	100
Sim	02

Fonte: Elaborado pela autora, Niterói, 2020.

Observação: Os participantes que responderam positivamente às necessidades especiais as classificaram como não enxergar de longe e autismo.

TABELA 5 - Apresentação dos moradores da mesma residência

<b>Moradores</b>	<b>Número de participantes</b>
Mãe, Pai e Irmãos	23
Mãe	20
Mãe e Pai	14
Mãe e Irmãos	10
Mãe, Pai, Irmãos e Avó	04
Mãe, Avó e Avô	03
Mãe e Avó	03
Avó e Avô	03
Mãe, Pai, Irmãos, Avó, Avô, Tia e Tio	02
Mãe, Irmãos e Avó	02
Pai e Irmãos	02
Esposa e Filhos	02
Avó	02
Mãe, Irmãos, Avó, Avô, Tia e Padrasto	01
Mãe, Pai, Tia, Tio e Primo	01
Mãe, Pai, Irmãos e Sobrinho	01
Mãe, Pai, Irmãos e Tia	01
Mãe, Pai e Sobrinho	01

Avó, Avô e Bisa	01
Mãe, Pai e Marido	01
Mãe, Irmãos e Tio	01
Mãe, Avó e Tio	01
Avó, Avô e Tio	01
Tia e Tio	01
Sozinho	01

Fonte: Elaborado pela autora, Niterói, 2020.

TABELA 6 - Entrevistados que possuem irmãos

<b>Quantidade de irmãos</b>	<b>Número de participantes</b>
Nenhum	18
01	33
02	31
03	13
04	03
> 05	04

Fonte: Elaborado pela autora, Niterói, 2020.

Ainda nesta sessão, destaco também a quantidade de respondentes que informaram ser sua família chefiada exclusivamente pela mãe, ainda que nas outras modalidades informadas se possa considerar a possibilidade de que a progenitora tenha um papel preponderante, considerando as respostas a seguir no tocante a quantidade de responsáveis que trabalham fora. Por outro lado, um dado muito importante diz respeito às características raciais dos participantes, a maioria de pretos e pardos. Oriundos em sua maioria de escolas públicas, como será visto, esta informação se combina com várias outras que referem as condições socioeconômicas das famílias. Um exemplo importante é o que refere à terceira sessão, logo abaixo.

Na terceira sessão onde o foco é para os que responderam possuir irmãos, 32 participantes são irmãos mais novos, havendo um empate para os que são irmãos mais velhos e para os que são do meio com 25 respostas (ver tabela 7). 32 pessoas responderam

ajudar a cuidar dos irmãos (ver tabela 8).

TABELA 7 - Classificação dos irmãos

<b>Classificação</b>	<b>Número de participantes</b>
Mais novo	25
Mais velho	32
Mais novo e mais velho	25

Fonte: Elaborado pela autora, Niterói, 2020.

Observação: 1 participante não definiu a idade dos irmãos, informando apenas que tinha 2 irmãos por parte de pai;

1 participante informou que possui um irmão mais velho e um irmão gêmeo. Ambos não entraram na tabela.

TABELA 8 - Ajuda a cuidar dos irmãos

<b>Ajuda a cuidar</b>	<b>Número de participantes</b>
Sim	32
Não	34
Às vezes	18

Fonte: Elaborado pela autora, Niterói, 2020.

Percebe-se que uma quantidade expressiva dos respondentes, em que pese a idade reduzida do público, ajuda no cuidado dos irmãos, o que sugere que seus pais e, principalmente, mães, contam com os mesmos para que possam trabalhar. Ninguém mencionou que é cuidado, eventualmente, por algum irmão mais velho, o que é uma ausência relevante. Significa que o público, de maneira geral, goza de certa autonomia e da confiança de seus responsáveis quanto aos cuidados de si e dos demais, no ambiente familiar.

Na quarta sessão, ainda sobre a família, 66 participantes não moram com idosos, enquanto que os demais moram ou ajudam nos cuidados deles (ver tabela 9). 88 participantes possuem algum responsável que trabalha fora, isso quando não os dois (ver tabela 10). Dos participantes, 88 recebem ajuda dos pais nas atividades escolares ou recebem ajuda às vezes (ver tabela 11). Observa-se também que 61 pessoas classificaram seus relacionamentos familiares como ótimo, havendo um empate de 18 pessoas para

“Bom, relacionam-se bem, mas não existe muito tempo para o diálogo” e 18 pessoas para “Regular, o relacionamento é mediano e poderia existir um diálogo maior” (ver tabela 12). 49 pessoas possuem algum apelido dado pela família (ver tabela 13).

TABELA 9 - Entrevistados que moram com idosos que requerem cuidados

<b>Mora com idosos que requerem cuidados</b>	<b>Número de participantes</b>
Sim	10
Não	66
Sim, eu ajudo nos cuidados	03
Não moro mas vou a casa deles ajudar	10
Moro com idosos, mas eles não requerem cuidados	09

Fonte: Elaborado pela autora, Niterói, 2020.

Observação: 1 participante respondeu que ajuda sempre que precisa; 1 respondeu deixando um ponto;  
 1 participante disse não morar, mas às vezes visita e faz o possível para ajudar, mesmo não querendo;  
 1 participante respondeu que mora, mas não precisa ajudar nos cuidados. Eles não entraram nos números da tabela.

TABELA 10 - Respondentes com responsáveis que trabalham fora

<b>Responsáveis trabalham (trabalhavam) fora</b>	<b>Número de participantes</b>
Sim	50
Não	12
Só meu pai	21
Só minha mãe	11

Fonte: Elaborado pela autora, Niterói, 2020.

Observação: 1 participante respondeu que a mãe trabalhava fora, mas está desempregada;  
 1 participante respondeu que os pais trabalham fora, mas não fora de estar em outra região ou país;

1 respondente disse que só o avô; 1 respondente disse que só a avó;  
 1 respondeu que a mãe está desempregada;  
 1 respondeu que era responsável por ele mesmo; 1 respondeu que o avô;  
 1 respondeu que a mãe está fazendo faculdade. Eles não entraram na tabela.

TABELA 11 - Respondentes que recebiam ajuda nas atividades escolares

<b>Responsáveis ajudam (ajudavam) nas atividades escolares</b>	<b>Número de participantes</b>
Sim	48
Não	11
Às vezes	40

Fonte: Elaborado pela autora, Niterói, 2020.

Observação: 1 participante respondeu que não tem responsáveis; 1 participante respondeu que só em caso de trabalhos;  
 1 participante respondeu que é bem difícil, pois não gosta de pedir nada, mas quando tem muita dificuldade em algo ele pergunta ao pai ou às irmãs.

TABELA 12 - Apresentação do relacionamento entre as pessoas da casa

<b>Como é o relacionamento entre as pessoas da casa</b>	<b>Número de participantes</b>
Ótimo. Todos se relacionam bem e existe	61

---

diálogo.	
Bom. Relacionam-se bem, mas não existe muito tempo para o diálogo.	18
Regular. O relacionamento é mediano e poderia existir um diálogo maior.	18
Péssimo. Existem muitos conflitos e não há diálogo.	02

Fonte: Elaborado pela autora, Niterói, 2020.

Observação: 1 participante respondeu: “As pessoas aqui em casa vivem brigando mas também ficamos de boa só que eu no meu canto, sei lá sempre me afasto deles me botando sozinha”;

1 participante respondeu que: ” Existem muitos conflitos e há diálogo”; 1 participante respondeu que: “Existe diálogo mas não é ótimo.”

TABELA 13 - Apresentação do apelido que recebe da família

<b>Possui apelido</b>	<b>Número de participantes</b>
Não	53
Sim	49

Fonte: Elaborado pela autora, Niterói, 2020.

Na sessão 5, 28 alunos eram do 8º ano do ensino fundamental e 28 do 9º ano do ensino fundamental, seguido de 27 alunos do 7º ano do ensino fundamental (ver tabela 14), sendo 98 participantes da rede pública (ver tabela 15). 69 classificaram o ambiente da escola como “aconchegante e acolhedor” (ver tabela 16), mas apenas 26 classificaram como “ótimo” o relacionamento entre as pessoas da turma (ver tabela 17). Quando perguntado sobre o *bullying*, apenas um não tinha conhecimento sobre (ver tabela 18).

TABELA 14 - Apresentação do ano de escolaridade

<b>Ano de escolaridade</b>	<b>Número de participantes</b>
6º ano – Ensino Fundamental	12
7º ano – Ensino Fundamental	27
8º ano – Ensino Fundamental	28
9º ano – Ensino Fundamental	28
Ensino superior incompleto	01
Ensino superior completo	03

Fonte: Elaborado pela autora, Niterói, 2020.

Observação: 2 participantes responderam correção de fluxo; 1 respondeu correção de fluxo 8º e 9º.

TABELA 15 - Apresentação da rede escolar

<b>É oriundo de qual rede escolar</b>	<b>Número de participantes</b>
Rede Pública	98
Rede Privada	04

Fonte: Elaborado pela autora, Niterói, 2020.

TABELA 16 - Apresentação do ambiente escolar

<b>Como é o ambiente da escola</b>	<b>Número de participantes</b>
Ambiente aconchegante e acolhedor. Todos se relacionam bem e há ajuda dos professores, coordenação e psicólogos.	69
Ambiente confortável. Todos se relacionam bem, mas não há tanto apoio educacional.	10
Ambiente mediano. Me sinto bem, mas não a vontade. Não há espaço para conversas.	14
Ambiente desconfortável. Há brigas, mesmo havendo apoio educacional.	06

---

Ambiente desagradável. Há brigas constantes, não há apoio educacional.	01
--	----

---

Fonte: Elaborado pela autora, Niterói, 2020.

Observação: 1 respondente disse: “Bem acho que não é nenhum por que eu me sinto a vontade as vezes lá,até que gosto da educação, mas não me relaciono bem com algumas pessoas e isso torna a escola meio chato por que aturar emplicancia etc é chato,mas gosto da escola por que eu posso ver meus amigos já que quando eu não estou na escola tô em casa então ..”;

1 respondente disse: “Nao me lembro muito bem faz um tempo que não tem aulas presenciais”.

TABELA 17 - Apresentação do relacionamento entre as pessoas da turma

<b>Relacionamento entre as pessoas da turma</b>	<b>Número de participantes</b>
Ótimo. Todos são amigos.	26
Bom. Todos se falam mas as amizades são separadas por grupos.	60
Regular. Os grupos só falam entre si, mas não há brigas.	10
Ruim. Os grupos de amigos não se entendem com outros grupos de amigos.	03
Péssimo. Piadas e brigas constantes entre todos.	01

Fonte: Elaborado pela autora, Niterói, 2020.

Observação: 1 respondente disse: “Tenho uma quantidade minúscula de amigos mas ninguém conversa comigo”;

1 respondente disse: “Todos se falam, tem amizades separas em grupos e existe muitas piadas,brigas,e muito *bullying* quase nao respeitam uns aos outros”

TABELA 18 - Conhecimento sobre *bullying*

Sabe o que é <i>Bullying</i>	Número de participantes
Sim	95
Não	01
Já ouvi falar	06

Fonte: Elaborado pela autora, Niterói, 2020.

Na sexta seção aborda-se o *bullying*, onde 84 pessoas consideram grave fazer piadas sobre o corpo e o intelecto de alguém (ver tabelas 19 e 20) e esse número vai para 94 quando se trata de piada sobre as condições sociais (ver tabela 21). 53 pessoas não haviam sido vítimas de *bullying* (ver gráfico 1), o que significa que quase metade dos participantes já sofreram com o *bullying* de alguma forma. Quando nos referimos aos espectadores, apenas 37 não haviam presenciado o *bullying* acontecer com alguém (ver gráfico 2), o que significa que o número de espectadores é maior em relação à vítima. Quando perguntado sobre a prática, 79 afirmaram não ter cometido nenhum ato, contudo o número de praticantes de algum ato descrito nas opções é de 23 pessoas (ver gráfico 3), um número alto para praticantes, visto que as consequências para as vítimas são dolorosas.

A opção fofocas, como referi na introdução, foi o campeão das práticas do *bullying* (ver gráfico 3). E nesse ponto quero fazer uma breve digressão de natureza conceitual e teórica, apontando para os limites do presente trabalho.

O que, afinal, significaria “fofoca” em tais contextos? Essa foi uma questão que, lamentavelmente, em virtude da impossibilidade de estar diretamente em contato com os interlocutores da pesquisa, foi uma dimensão que não pude explorar, em que pese a relevância sociológica do termo, já explorado em diferentes trabalhos e em contextos variados (FONSECA, 2000; ELIAS, 1994).

Como afirmou Elias, a instituição da fofoca depende das normas e crenças compartilhadas por uma dada comunidade. São, por assim dizer, formas de sanção negativa a comportamentos, condutas e identidades, muito embora estas sejam inseparáveis da dimensão elogiosa hipoteticamente idealizada ou verificada

empiricamente dentro de um grupo (ELIAS, 1994: 121). A estrutura da fofoca, ou o boato, configuram-se na forma de uma “verdade provisória” que requer dos atores envolvidos agenciamentos, uma vez que há informações estruturantes acerca do que é ser ou não alguém nos domínios relacionais onde a mesma circula. Para Elias a ideia de que a fofoca tem uma função integradora requer ressalvas.

*“Ela imputa à fofoca as características de uma coisa ou uma pessoa capaz de atuar sozinha como agente causal, quase independentemente dos grupos que a circulam. Na verdade, é apenas uma figura de linguagem dizer que a fofoca tem tal ou qual função, pois ela nada mais é do que o nome genérico de algo feito por pessoas reunidas em grupos. E o termo “função”, nesse e noutros casos similares, tem a aparência suspeita de um disfarce para o velho termo “causa”. Atribuir à fofoca uma função integradora pode facilmente sugerir que ela é a causa cujo efeito é a integração. Provavelmente, seria mais exato dizer que o grupo mais bem integrado tende a fofocar mais livremente do que o menos integrado, e que, no primeiro caso, as fofocas das pessoas variam conforme a estrutura e a situação.” (p.129)*

A fofoca, como sugere o autor, sempre tem dois pólos: aqueles que a circulam e aqueles sobre quem ela é circulada. Ambos podem ser pensados, como nos conjuntos matemáticos, como extremos de um conjunto. Entretanto, de maneira análoga, este último pode ser dividido em outros sub-conjuntos e, dessa forma, tornar possível visualizar o universo decomposto dos valores e os padrões de suas relações. O que eu quero dizer é que no âmbito da escola o sujeito e o objeto da fofoca, muitas vezes, pertencem a grupos diferentes, seja no interior daquela instituição, seja do ponto de vista de um bairro e, certamente, familiar. Logo, “o quadro de referência não é apenas o grupo de mexeriqueiros, mas a situação e a estrutura dos dois grupos e a relação que eles mantêm entre si.” (ELIAS, OP. cit.:130)

Assim, eu entendo que uma exploração qualitativa dessas relações por trás dos questionários aplicados deveria, necessariamente, compreender com maior precisão os bairros nos quais essas pessoas vivem, os ofícios de seus responsáveis, suas histórias nas localidades e como estas são representadas em um espectro relacional mais amplo.

Possibilidades que estimulam a continuidade das pesquisas nessa área, ao mesmo tempo que sinalizam para os limites do presente texto.

Dando continuidade, ao ser perguntado sobre o que leva uma pessoa a praticar o *bullying*, a resposta que mais se destacou foi imaturidade, seguida de chamar a atenção e falta de amor (ver gráfico 4). Sobre a importância de pedir ajuda quando se sofre o *bullying*, não houve nenhum voto para a opção “não” (ver tabela 22), em contrapartida, 12 participantes não acham importante pedir ajuda quando se comete o *bullying* (ver tabela 23), e 88 acham importante pedir ajuda quando se observa (ver tabela 24). 71 pessoas votaram que o que falta para se ter um bom relacionamento na escola é amor ao próximo e solidariedade, seguidos de diálogo na escola e diálogo em casa (ver gráfico 5).

TABELA 19 - Apresentação sobre grau de gravidade em fazer piadas sobre o corpo de alguém

<b>Considera grave fazer piadas sobre o corpo de alguém</b>	<b>Número de participantes</b>
Sim	84
Não	04
As vezes	11

Fonte: Elaborado pela autora, Niterói, 2020.

Observação: 1 participante respondeu: “Em algum espectos sim ou seja brincadeiras desse tipo pra devem acontecer se ambas as partes se zoarem é brincarem sem levar para o lado pessoal.”;

1 participante respondeu: “nunca fiz”;

1 participante respondeu: “Não se a vítima de *bullying* também levar na base da brincadeira”.

TABELA 20 - Apresentação sobre grau de gravidade em fazer piadas sobre o intelecto de alguém

<b>Considera grave fazer piadas sobre o</b>	<b>Número de participantes</b>
<b>intelecto de alguém</b>	
Sim	84
Não	06
Às vezes	10

Fonte: Elaborado pela autora, Niterói, 2020.

Observação: 1 respondente disse: “Acho de não”; 1 respondente disse: “nunca fiz”.

Ambos não entraram na tabela.

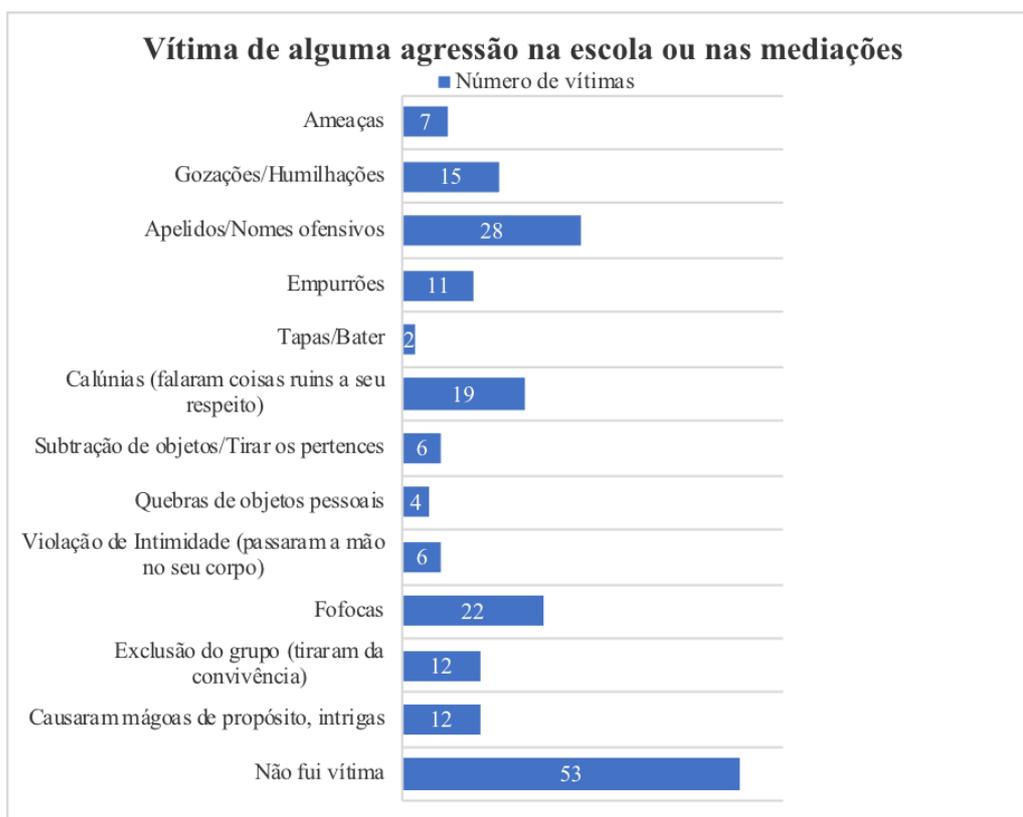
TABELA 21 - Apresentação sobre grau de gravidade em fazer piadas sobre as condições financeiras de alguém

<b>Considera grave fazer piadas sobre as</b>	<b>Número de participantes</b>
<b>condições sociais de alguém</b>	
Sim	94
Não	05
Às vezes	02

Fonte: Elaborado pela autora, Niterói, 2020.

Observação: 1 respondente disse: “nunca fiz e nem vou fazer”

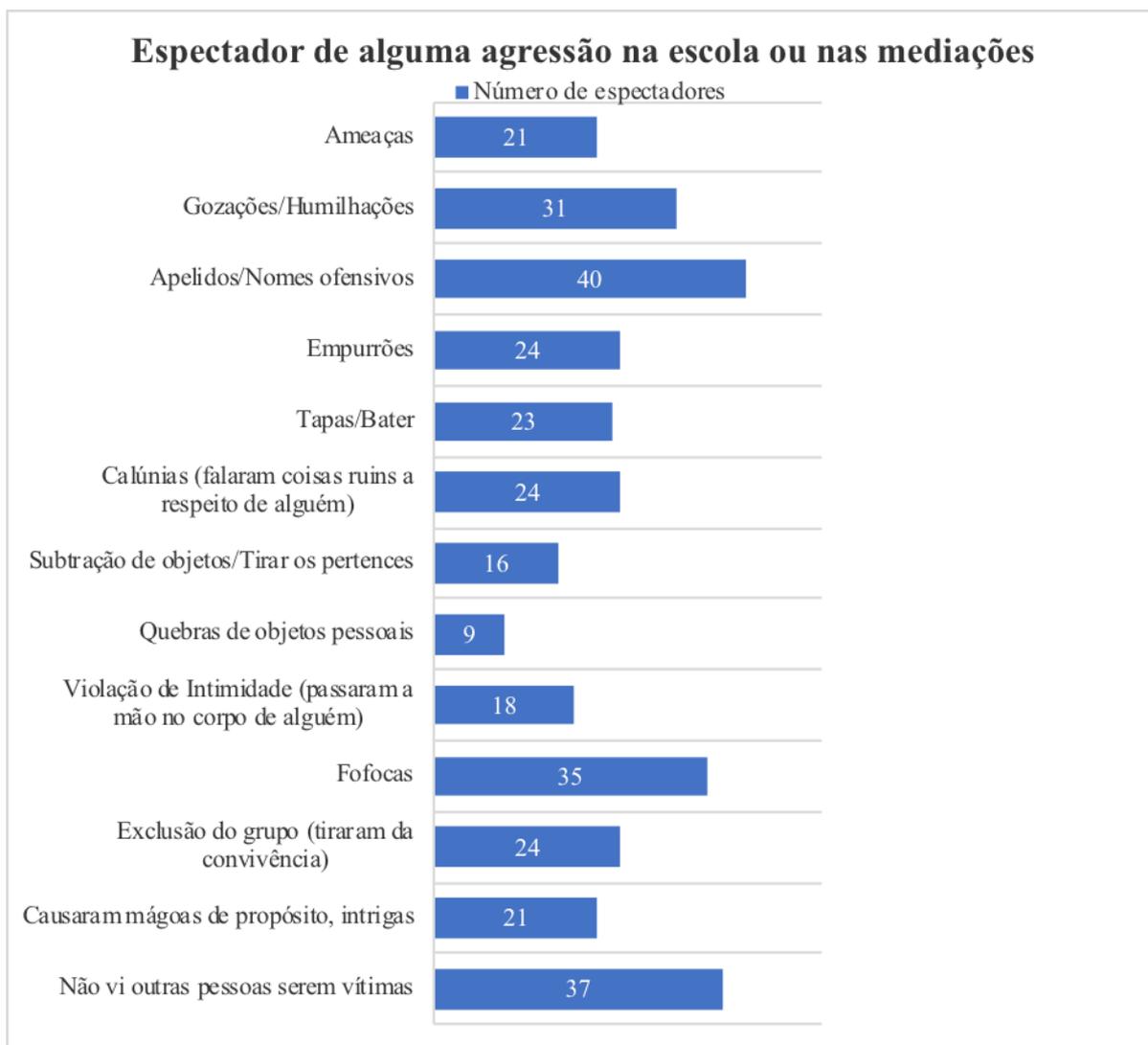
GRÁFICO 1: Vítima de alguma agressão na escola ou nas imediações



Fonte: Elaborado pela autora, Niterói, 2020.

Observação: 1 respondente disse: “Em outras escolas, sim”

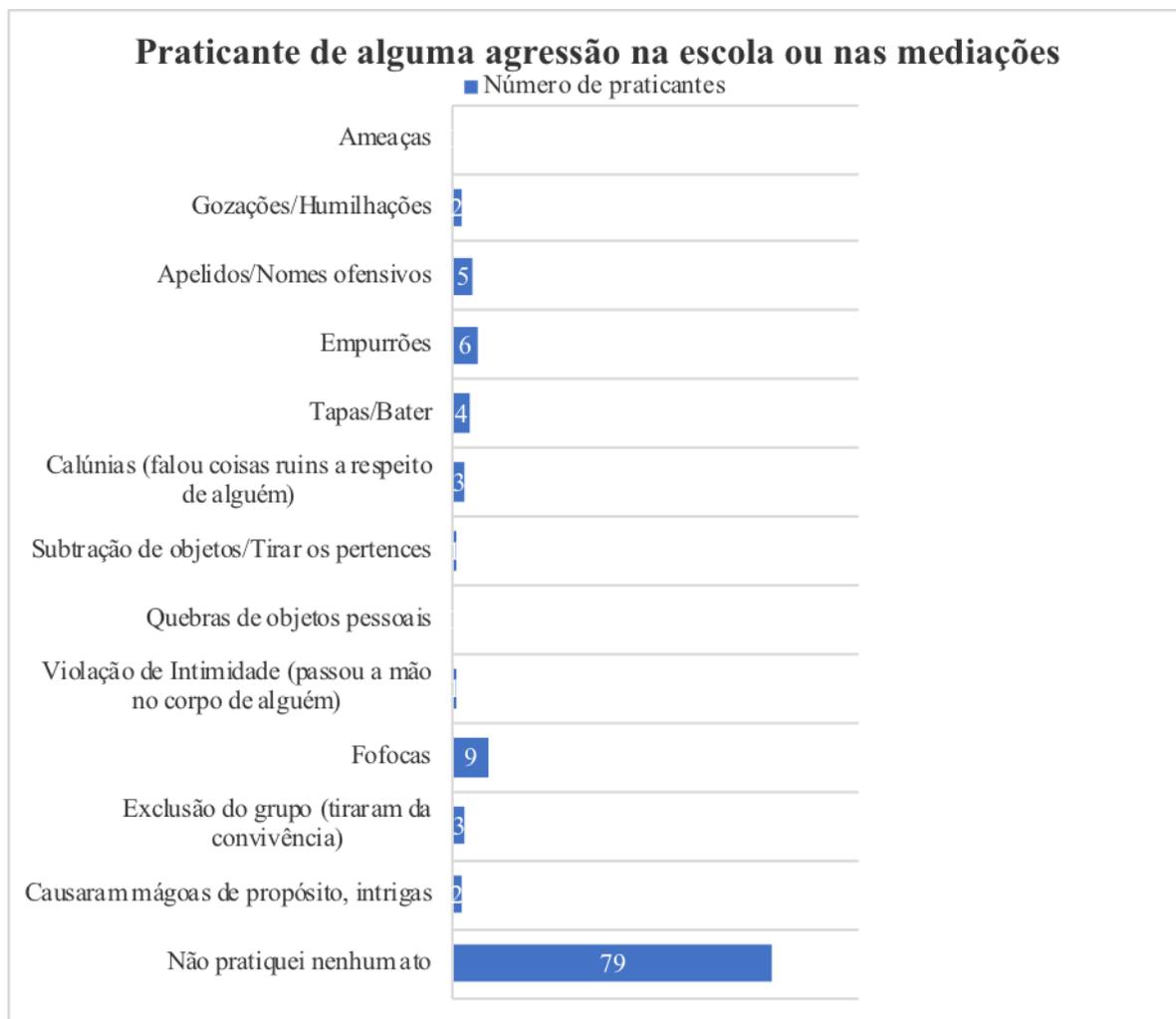
GRÁFICO 2: Espectador de alguma agressão na escola ou nas imediações



Fonte: Elaborado pela autora, Niterói, 2020.

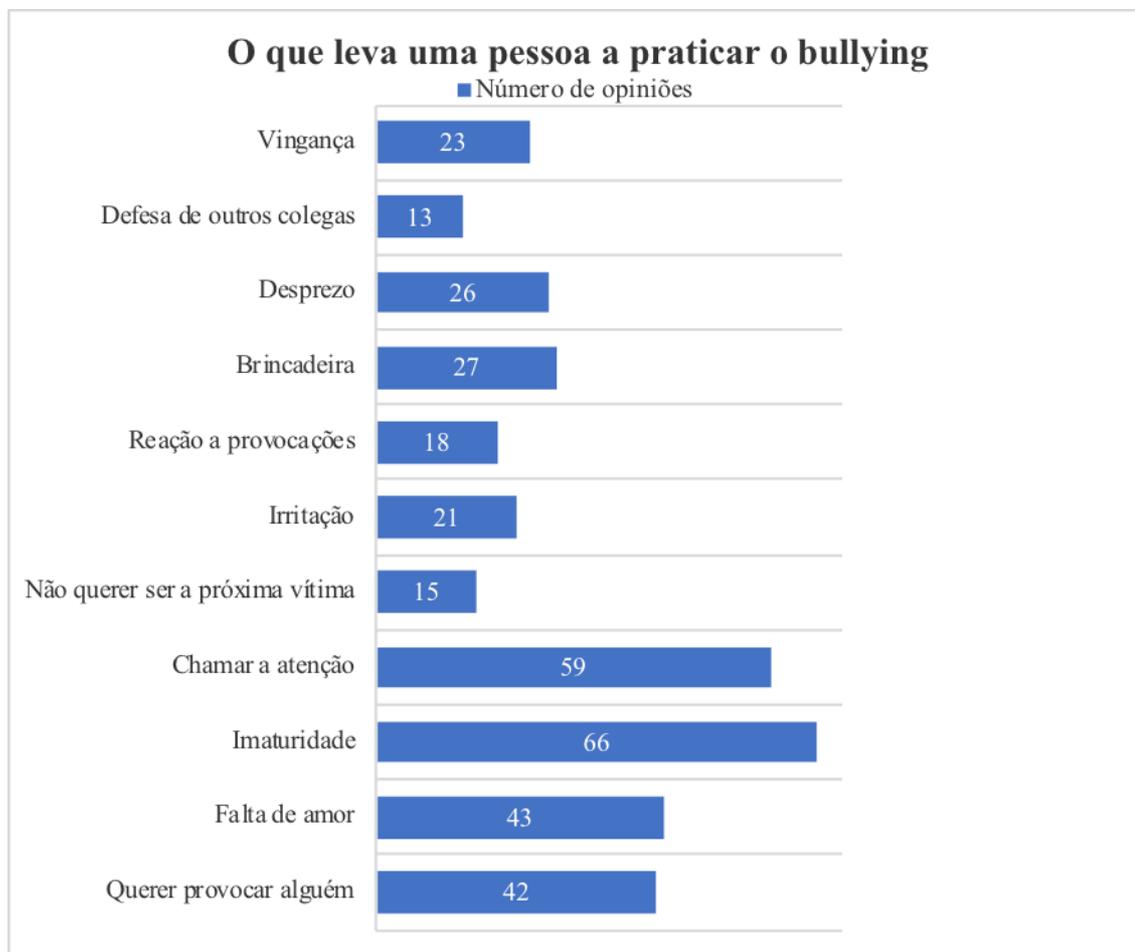
Observação: 1 respondente disse: “Não”

GRÁFICO 3: Praticante de alguma agressão na escola ou nas imediações



Fonte: Elaborado pela autora, Niterói, 2020.

GRÁFICO 4: O que leva uma pessoa a praticar o *bullying*



Fonte: Elaborado pela autora, Niterói, 2020.

Como se pode observar, a escala de opções buscou dar aos interlocutores da pesquisa uma gama significativa de motivações, a partir de categorias previamente elencadas por conversas com professores da rede pública, em entrevistas que fiz para a montagem do questionário. As categorias “chamar a atenção”, “imaturidade” e “falta de amor” são nativas do ambiente escolar, e foram escaladas no questionário em função de minha experiência no mesmo e, neste sentido, uma tentativa de melhor comunicação com os participantes. Como se pode ver, suas veiculações foram pertinentes. Em que se pesem as características polissêmicas das mesmas, elas podem permitir pistas importantes sobre as motivações que levam um estudante a praticar o bullying, caso sejam desdobradas em pesquisas de maior profundidade.

Nesta mesma direção eu quero chamar a atenção para a opção “desprezo”, referendada pelos interlocutores. Ela é muito interessante, correspondendo a uma noção de natureza subjetiva que tanto pode ser verbalizado por quem a patrocina, como pode ser resultado da percepção de quem é desprezado ou mesmo de terceiros, em relação às relações de outras pessoas. Em minha interpretação, faz referência a uma dimensão que emerge como um conflito relacionado a intolerância com as alteridades e, nesse sentido, merece ser problematizado no ambiente escolar. Por outro lado, ela lança desafios para a pesquisa. O desprezo - ou desapeço - se dirige a qual dimensão do outro, no ambiente escolar? Estética, ética ou moral? Como se vê, a resposta ao questionário gera, inevitavelmente, novas perguntas que podem, aí sim, construir uma compreensão mais qualificada acerca do problema que elenquei para o presente estudo.

Analisando os dados, com as limitações assinaladas, quero sublinhar que entre as motivações para observância do *bullying* as opções “brincadeira” e “querer provocar alguém” parecem estar associadas, em algum nível. O mesmo parece acontecer com “vingança” e “reagir a provocações”, ainda que não com a mesma ordem de afinidade. Já a opção “não querer ser a próxima vítima” lança nosso olhar para a hipótese dos atores fazerem referência a uma espécie de rotina.

O *bullying*, assim, emerge para nossa consideração como uma prática desaprovada à primeira vista, mas ao mesmo tempo revela uma dimensão na qual faz-se referência a um mecanismo de administração de conflitos onde há agressores e vítimas. Logo, a necessidade de estabelecimento de limites entre brincadeiras e vinganças, por exemplo. O que parece se confirmar com a resposta aos questionamentos a seguir.

TABELA 22 - Importância da ajuda quando se sofre o *bullying*

<b>Acha importante pedir ajuda quando SE SOFRE o <i>Bullying</i></b>	<b>Número de participantes</b>
Sim	93
Não	-
Depende	08

Fonte: Elaborado pela autora, Niterói, 2020.

Observação: 1 respondente disse: “Claro que sim”.

TABELA 23 - Importância da ajuda quando se comete o *bullying*

Acha importante pedir ajuda quando SE COMETE o <i>Bullying</i>	Número de participantes
Sim	73
Não	12
Depende	12

Fonte: Elaborado pela autora, Niterói, 2020.

Observação: 1 respondente disse: “Não, por que você sabe o que está fazendo.”;

1 respondente disse: “A maioria das pessoas que fazem *bullying* não vêem que o que estão fazendo são atos imaturos e errados assim considerando que estão certos jamais pedindo ajuda ou seja continuando com esse comportamento péssimo é horrível, deplorável e digno de pena, e a outra maioria pratica *bullying* por ter um problema pessoal e faz isso para poder "aliviar-se" fazendo com que os que ficam em sua volta fiquem assim como ele, mas para resumir é importante porém eles não farão ou por medo ou porque não acham que seus atos irresponsáveis são errados é porque não querem assumir a responsabilidade por tais atos praticados.”

1 respondente disse: “Deveria pedir pra saber o que é certo”;

1 respondente disse: “Depende só de for para tentar mudar o comportamento”; 1 respondente disse: “essa eu não entendi”.

Merece destaque a resposta isolada acima dizendo não entender a questão. Há possibilidade de que, no fundo, a percepção seja semelhante às outras manifestações isoladas, como a primeira. Ao mesmo tempo, a opinião de que deveria pedir para saber o que é certo ou para tentar mudar o comportamento parecem dialogar com as expressões de recriminação ao *bullying*. O que parece ser respaldado pelas respostas à questão a seguir.

TABELA 24 - Importância da ajuda quando se observa o *bullying*

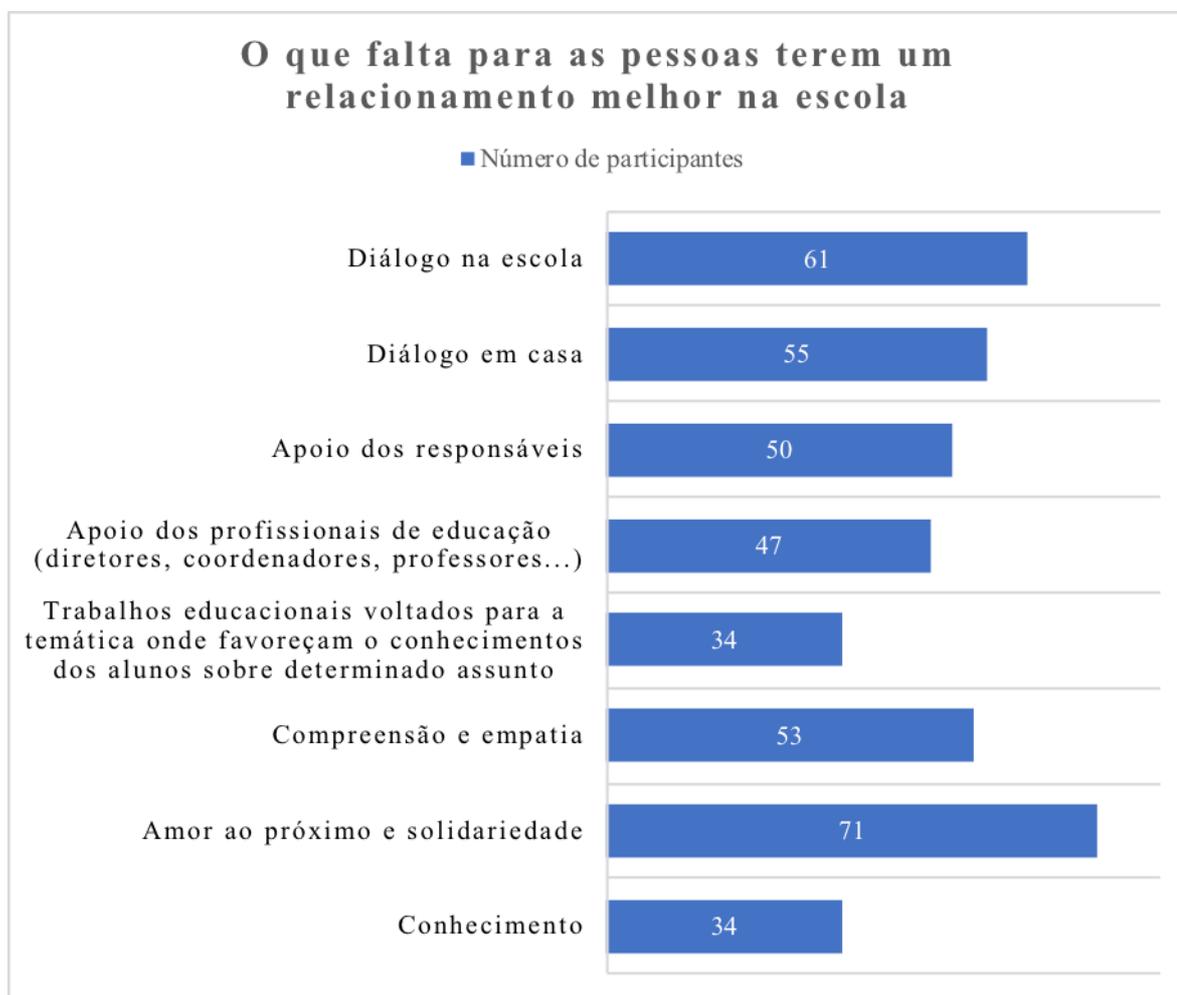
<b>Acha importante pedir ajuda quando SE OBSERVA o <i>Bullying</i></b>	<b>Número de participantes</b>
Sim	88
Não	01
Depende	11

Fonte: Elaborado pela autora, Niterói, 2020.

Observação: 1 respondente disse: “Eu acho importante, mas às vezes é difícil, por medo de se tornar a próxima vítima.”;

1 respondente disse: “Ajudar a passoa”.

GRÁFICO 5: O que falta para as pessoas terem um relacionamento melhor nas escolas



Fonte: Elaborado pela autora, Niterói, 2020.

O gráfico relacionado ao que fazer, do ponto de vista das convivências observadas na escola revela, a partir das respostas obtidas, uma lacuna entre as questões por mim formuladas, que diz respeito às informações das crenças religiosas, por exemplo. Mas, ao mesmo tempo, amplia a compreensão de que a pesquisa sobre o tema tem potencialidades de adentrar o universo relacional e, com base no objeto construído, alcançar uma compreensão mais ampla acerca das dimensões sobre a natureza do conflito envolvendo o *bullying* nas escolas.

### **Os sentimentos em perspectiva**

A seguir dedico um espaço à depoimentos feitos em respostas a algumas questões abertas, da maneira em que foram escritos no questionário. Foram duas questões, como explicitado nos capítulos anteriores, e a privacidade de cada respondente é garantida conforme foram informados antes de iniciar a pesquisa. Eu listarei abaixo algumas que me pareceram mais relevantes, para introduzir a discussão, remetendo sua integralidade para o Anexo II, onde poderão ser consultadas. Também farei recurso a algumas delas na análise que farei no tópico 5.

Na primeira questão aberta foi perguntado o que poderia ser feito para mudar o comportamento de quem pratica o *bullying*, não foi determinado um número mínimo ou máximo de caracteres para as respostas, fazendo com que fosse recebido respostas longas e curtas deixando o respondente à vontade. Três pessoas disseram não saber o que fazer. Foram obtidos como parte das respostas os seguintes depoimentos, os quais julguei relevantes e representativos do universo obtido:

*“Caminhamento a psicólogos, pois isso demonstra imaturidade do praticante é mais simples as vítimas devam inguinar o agressor e o agressor devia parar criando assim maturidade, um problema desse tipo só existe se você presta atenção é der espaço para que ele aconteça é aumente.”*

*“Dar mais conforto e acompanhamento psicológico para que, essa pessoa possa ter ideia dos seus atos e possa ganhar responsabilidade e até, caso ela tenha algum problema que possa levar a deixar sequelas em um adulto inseguro e problemático em convivência.”*

*“Na minha opinião a primeira coisa séria ver como é a convivência com a família e caso necessário tomar as providências, já que muitas das pessoas que fazem bullying só faz por é assim que é tratado em casa bom essa é o minha opinião.”*

*“acho q os pais deveriam conversar mais com seus filhos. pq, pra mim, quem pratica bullying, só faz para descontar raiva dos problemas q vivem dentro de casa ou algo do tipo.”*

*“Na minha opinião: eu acho que poderia ter mas palestras sobre o bullying e também mas atenção nos alunos que passam por isso ou nos que já passaram”*

*“Dar algum castigo, por que agente não pode obrigar eles a pararem, mais podemos fazer com que não aconteça mais ,que eles pensem de outra maneira .”*

Na segunda questão aberta foi pedido aos respondentes que relatassem a sua experiência com o *bullying* com a garantia do anonimato e, se caso desejassem, poderiam deixar o contato para uma possível conversa. Também não houve um número limitante de linhas, o objetivo era deixar que eles se expressassem da maneira mais confortável possível, visto que se trata de um assunto que pode ser recebido de maneiras diferentes para quem tem contato com ele. Alguns depoimentos foram retirados por conter alguma forma de contato com os participantes (alguns deixaram e-mail, outros deixaram telefone, outros deixaram ainda redes sociais). Foram observados os depoimentos onde os alunos responderam não ter sido vítima de *bullying*; contudo, na questão foi explicitado que o depoimento seria para qualquer tipo de participação, seja na condição de vítima, autor ou espectador. Alguns depoimentos, como poder-se-á ver adiante, contam a história de alguém, observando que grande parte não teve dificuldades em entender a questão.

Os relatos são densos e pela riqueza de detalhes, eu faço uma seleção maior dos mesmos, para introduzir a discussão, remetendo igualmente os restantes para o referido Anexo II

*“Bom... Não foi bem um bullying, porém eu fui zoada por algumas garotas no ano de 2018, na escola de Araruama. Tudo começou quando eu estava na sala de aula e tinha acabado a Aula então bateu o sinal do Recreio, nessa sequência passou umas meninas(da sala ao lado) que passou me olhando muito, eu fiquei um pouco desconfortável e eu fingi que não as vi...porém elas passaram em frente até as outras meninas. Quando elas chegaram lá nas outras meninas elas começaram a rir de mim E das outras pessoas que estavam comigo, foi bem chato pois todo mundo parou e olhou pra a gente E ficou sem*

*entender nada.... Mas enfim com o tempo as pessoas esqueceram aquele dia e eu até que me senti bem por elas esquecerem aquilo tudo, pois me senti confortável.... E depois disso tudo fiquei bem e feliz. Bom essa foi minha história.”*

*“Eu presenciei o bullying praticamente todos os meus anos na minha escola do ensino fundamental 2 (durante 4 anos). Era na sala de aula, na sala de leitura, no recreio, nas aulas de educação física, enfim. A vítima (vou chama-lo de JV) é meu amigo, eu, junto com outro amigo, tento ajudar o JV, mas ele se sente mal em falar sobre o assunto, e acha que não precisa de ajuda para lidar com a situação. Quando eu tentava defender essa vítima, alguns me "zoavam" também, mas de uma forma*

*"mais tranquila" em comparação a JV. Não tenho mais tanto contato com ele, por conta da quarentena, mas acho que a quantidade de bullying com JV diminuiu, porém tenho certeza que ele ainda se sente muito mal pelo o ocorrido durante os anos...”*

*“Bem, desde q eu era bem pequena eu era vítima de bullying por causa da minha aparência e da minha falta de interatividade com outras pessoas, eu fui excluída até mesmo dentro de casa tanto que quando sofri um abuso eu demorei 5 anos até contar pra alguém porque eu simplesmente era sempre excluída em todos os lugares, eu fiquei depressiva e tentei me matar 47 vezes em 1 ano, eu dps de um tempo consegui amigos mas o sentimento de dor nunca sumiu”*

*“Tinha um garoto na escola e ele era muito tímido aí ele começou a se interagir com os outros aí ele foi usar óculos que ele tinha problema na visão no quadro e quando ele chegou na escola todo mundo riu dele chamou ele de quatro olho e ele ele pediu para mãe dele tirar ele da escola e ele contou para mim ainda ele queria se matar eu falei não estraga sua vida para os bobão que fica zoando os outros porque isso daí é muito errado”*

*“Na minha turmas alunos negros eram chamados de apelidos como : escuridão , blackout... Pelos próprios amigos. Via aquilo como uma brincadeira, como todos vêem o Bullying na maioria das vezes , mas observando melhor aquilo*

*não era só uma brincadeira. Mas essa prática parou, porque uma professora explicou como aquela "brincadeira" era ruim, porque incentivava a discriminação."*

*"Eu nunca sofri bullying é se já sofri passou de forma despercebida desde que era criança eu não dava espaço para as pessoas fazerem brincadeiras de mau gosto é também eu não tinha tempo para fazer tais brincadeiras com outras pessoas."*

## 5. DISCUSSÃO

Após a apresentação da origem do *bullying*, suas definições, formas, participantes e consequências, foi apresentada as amplas definições de família e escola, além de também ser exposto os dados e tabelas referentes ao questionário. Neste capítulo, o objetivo é analisar a pesquisa e discutir com autores, a fim de que se possa confirmar ou confrontar dados relevantes à sociedade.

A organização Mundial da Saúde (OMS) classifica a adolescência como a idade compreendida entre 10 e 19 anos, a Organização das Nações Unidas (ONU) classifica entre 15 e 24 anos, o Ministério de Saúde do Brasil determina os limites da faixa etária de interesse para as normas e políticas de saúde as idades entre 10 e 24 anos e para o ECA a adolescência é definida pela faixa etária de 12 a 18 anos de idade. Diante desses dados, o público participante pode ser reconhecido como adolescente visto que a maioria dos respondentes possuem a faixa etária entre os 12 e 17 anos, conforme a classificação dos diferentes órgãos.

No que diz respeito ao gênero, em muitas discussões sobre o assunto com outros professores e até mesmo com os alunos, o *bullying* era visto em maioria como prática masculina, no entanto, ele é praticado por ambos os sexos. A diferença que pode existir é em como a prática é feita, para Medeiros:

*"O bullying com uso da violência física é mais comum entre meninos, mas temos inúmeros casos entre meninas também. O mais comum entre meninas é a violência verbal e emocional, o uso de amizades que desvirtuam a vítima de seu eixo social ou ainda a exclusão da vítima pelo grupo. Assim, esta agressão acaba sendo menos percebida pelos professores e pelos pais, imaginando que a vítima é apenas tímida, triste ou que este é o jeito dela, sendo que de fato esta é vítima da crueldade de alguns alunos no ambiente onde a segurança deveria estar presente"* (MEDEIROS, 2012, p. 4).

Como referi, se percebe a maior participação na pesquisa do gênero feminino que o gênero masculino e também como se pode observar nos gráficos 1, 2 e 3, as formas de *bullying* que mais ocorreram, seja na condição de vítima, autor ou espectador, foram os apelidos/nomes ofensivos, fofocas e calúnias. Destaca-se que, entre os autores, ainda há a prática dos empurrões e tapas, levando a pesquisa a confirmação de que, entre as meninas, o *bullying* é verbal.

Ainda sobre o gênero, destaca-se o *bullying* ocorrido em casos onde as crianças ainda estão se descobrindo como pode ser visto nos depoimentos:

*“O ano de 2015 eu sofri bullying por conta do meu corpo, eu era bem gordinho e por conta disso me zoavam. No ano de 2017 eu também sofri bullying por conta do meu corpo, eu fiquei bem mais gordinho e assim as piadas voltaram Também sofro até hoje por conta da minha orientação sexual”*

*“Algumas pessoas praticavam homofobia comigo ,me deixavam desconfortavel, achavam que eu tinha que responder tudo que eles perguntavam mas na vdd nem eu sabia o que eu era (Ñ sei ate hoje na vdd) e já fui xingado de varias coisas.”*

Mais da metade se declararam negros, havendo ainda 5 participantes que se diziam “morenos”, onde nota-se uma certa dificuldade no entendimento quanto a declaração racial ou até mesmo não querer se colocar em alguma categoria para não vir a sofrer algum tipo de preconceito, *bullying* ou racismo. Vale ressaltar que uma linha tênue separa o *bullying* do racismo. Já presenciei o *bullying* entre duas alunas, onde uma chamou a outra (ambas brancas) de macaco mico leão dourado. E recebi os seguintes depoimentos neste questionário:

*“Eu já fui chamado de macaco”;*

*“Por eu ser negra e não ter o cabelo liso como todos querem, eu sofria Bullying eles me chamaram de sem cabelo, cabelo duro, pão careca.... e com isso eu não me aceitava do jeito que eu deveria sabe?”;*

*“Não foi considerado bullying, mas sofri racismo dentro da sala de aula no ano passado. Eu pedi pra ela repetir o que havia falado, ela repetiu e eu bati na cara dela, nenhuma*

*das duas recorreu à direção porque as duas estavam erradas.”*

*“Na minha turma alunos negros eram chamados de apelidos como : escuridão , blackout... Pelos próprios amigos . Via aquilo como uma brincadeira , como todos vêem o Bullying na maioria das vezes , mas observando melhor aquilo não era só uma brincadeira . Mas essa prática parou , porque uma professora explicou como aquela "brincadeira" era ruim , porque incentivava a discriminação.”*

Em todos os casos os alunos foram vítimas de *bullying* ao serem apelidados. O racismo acontece quando entende-se que a vítima merece passar por determinada situação simplesmente porque possui a cor da pele mais escura, como por exemplo, receber o salário inferior ainda que ocupe o mesmo cargo que uma pessoa branca, sua vida ser desvalorizada, sua morte não ser culpabilizada, ser perseguido por seguranças em ambientes públicos e privados na intenção de uma suposta prevenção contra algum crime, receber tratamento diferenciado, etc. O *bullying* pode acontecer pelo racismo do agressor, mas demanda uma investigação para se apurar se ocorreu um *bullying* racial.

No ambiente escolar, um termo usado ou ação feita a vítima isolada é considerado *bullying*. Segundo a Lei n. 13185/15 “caracteriza-se a intimidação sistemática (*bullying*) quando há violência física ou psicológica em atos de intimidação, humilhação ou discriminação e, ainda [...] VI – expressões preconceituosas, [...]”. Com isso, foi usado uma expressão preconceituosa nesses casos.

Apenas 2 participantes se classificaram como alunos com necessidades especiais, contudo esse grupo precisa de atenção redobrada, pois os atos que envolvem o *bullying* podem levar a evasão escolar e gerar problemas psíquicos. Segundo Humpel, Bento e Madaba:

“Ao se tratar de estudantes com deficiência, esse processo é potencializado, considerando as suas limitações. A escola tem a responsabilidade de desenvolver o respeito à diversidade, legitimação de valores, ou seja, a pluralidade cultural indispensável para uma escola inclusiva” (HUMPEL; BENTO; MADABA, 2019, p. 383).

Ao conversar com a avó do aluno com autismo, houve o relato de resistência a ida a escola e o pedido da troca de escola. Oliveira<sup>8</sup> (2015) *apud* Humpel, Bento e Madaba,

---

<sup>8</sup> Oliveira EC. O bullying na escola: como alunos e professores lidam com essa violência? Rev Fundamentos. 2015;2(1):118-37.

(2019) descreve o comportamento que vai desde a simples recusa a ir para a aula à apresentação de sintomas como dores de cabeça, vômito, diarreia, febre, sudorese, taquicardia, dores musculares, entre outros e refere que ir para a escola, nessas situações, torna-se uma tortura para esses alunos. Algumas diferenças não são deficiências, como no caso do uso do óculos, por exemplo. Entretanto, na hora do bullying, os autores se valem da insegurança da vítima para diminuí-la, como no caso do seguinte depoimento: *“Tinha um garoto na escola e ele era muito tímido aí ele começou a se interagir com os outros aí ele foi usar óculos que ele tinha problema na visão no quadro e quando ele chegou na escola todo mundo riu dele chamou ele de quatro olho e ele ele pediu para mãe dele tirar ele da escola e ele contou para mim ainda ele queria se matar eu falei não estraga sua vida para os bobão que fica zoando os outros porque isso daí é muito errado”*.

Retornando a conversa com a avó, ela explicou que a família sempre foi bem recebida pelos profissionais da escola e após uma conversa com a diretora, optaram pela troca de turno. Para a surpresa de todos, após uma semana na nova turma, houve o pedido para retornar a turma antiga. Ao ser perguntado o porquê, já que o aluno não estava satisfeito com as “brincadeiras”, ele respondeu que não tinha amigos na nova turma, estava se sentindo excluído. Não tinha as tais “brincadeiras”, mas ninguém falava com ele também. Na turma antiga ele pelo menos era visto pelos demais. Neste ponto destacam-se duas questões importantíssimas:

- 1- A importância de um psicólogo escolar para acompanhamento desses alunos, tanto vítima, como agressor, para mostrar a escola como um espaço democrático e igualitário e tratar dos desalinhos que tais transtornos estejam ou possam causar, sobretudo sobre autoestima, afirmação e aceitação.
- 2- A normalização do sofrimento, a necessidade de ser visto, reconhecido, fez com que ele preferisse continuar com a dor das supostas brincadeiras do que isolado e excluído. E ainda vai de encontro ao ponto de que a vítima do *bullying* tende ao isolamento, contudo, mesmo com o isolamento, a vítima continua sendo vista. Esse aluno, no caso, já foi colocado isolado, tantas vezes ignorado, como se não estivesse em sala.

Portanto, é um trabalho em conjunto onde a família e a escola precisam observar, identificar e tomar medidas de mediação e administração de tais conflitos, afim de

encontrar uma solução e buscar ajuda de profissionais capacitados.

No caso dos moradores da residência, observa-se que em quase todas as famílias há a presença da mãe (em alguns há a tia ou avó) mostrando a figura feminina como representante e/ou responsável pelos lares. Embora metade dos participantes morem também com o pai, 88 moram também com a mãe, mostrando que a criação ainda fica sob a responsabilidade feminina. Apenas duas participantes moram com os irmãos e o pai, onde não há a presença que represente a figura feminina.

Em outros casos há a figura do tio ou avó. Aqui não entro no mérito de uma estrutura familiar, tampouco a existência de uma família certa ou errada, pois como mostro na pesquisa de referência, família vai muito além de laços sanguíneos. Aqui, nesse trabalho, a família é vista como um termo adotado atualmente que é a “rede de apoio”, uma rede de relações colaborativas que cumprem determinadas funções, no caso, em prol do desenvolvimento da criança. O importante é a criança estar assistida e cada membro cumprir a sua função, não deixando com que a criança seja exposta a fome, falta de educação, violência, maus tratos e que venham a ser reproduzidos em outros ambientes. Depoimentos chocantes sobre a família foram destacados:

*“Bem, desde q eu era bem pequena eu era vítima de bullying por causa da minha aparência e da minha falta de interatividade com outras pessoas, eu fui excluída até mesmo dentro de casa tanto que quando sofri um abuso eu demorei 5 anos até contar pra alguém porque eu simplesmente era sempre excluída em todos os lugares, eu fiquei depressiva e tentei me matar 47 vezes em 1 ano, eu dps de um tempo consegui amigos mas o sentimento de dor nunca sumiu”*,

*“Bom,o bullying aconteciam dentro do meu lar...meus familiares faziam gozações da minha aparência e isso de certa forma influenciava na minha vida, atribuí um aspecto de inferioridade.”*,

*“Quando eu era menor eu morava com minha mãe biológica o meu padrasto dizia q eu roubava dinheiro de dentro da minha própria casa mas n era verdade .”*

Também foram encontrados depoimentos confortantes no que diz respeito a família, tais como:

*“Eu me senti muito triste e eu procurei a ajuda dos meus familiares”,*

*“Na minha antiga escola eu sofria isso e sempre falava com minha mãe e ela ia na escola falava com a diretora e a diretora falava com os alunos mas ND resolvia”,*

*“No começo quando descobri que tinha que usar óculos achei o máximo, até chegar na escola no dia seguinte e começar a levar apelidos me senti diferente e esquisita, até mamãe conversar comigo e explicar que sou linda com ou sem óculos e que os apelidos nada mais eram do que inveja por eu ser diferente deles.”.*

Como visto na revisão bibliográfica, os espectadores possuem um papel importante no processo do *bullying*, mas o papel da família é o divisor de águas, se sentir apoiado para enfrentar as dificuldades é o que encoraja os indivíduos a mudarem de postura.

Relembrando os dados construídos, 84 participantes possuem irmãos onde 50 deles ajudam nos cuidados, o que concluímos que muitas vezes a rede de apoio são os próprios filhos, fazendo com que uma criança em formação seja responsável por outra criança também em formação, onde alguns deles ainda precisam ajudar nos cuidados com os idosos. Assim, muitas vezes o tempo destinado a trabalhos escolares e brincadeiras são divididos com os cuidados de outrem.

Embora apenas 12 responsáveis não trabalhem fora, apenas 11 não ajudam nas atividades escolares, mostrando que mesmo trabalhando fora, muitos pais ainda se preocupam com a educação de seus filhos e são presentes, fazendo-nos refletir sobre a questão anterior onde os pais pedem ajuda nos cuidados com os irmãos ou com os idosos, por não haver outra alternativa.

No que diz respeito ao relacionamento entre as pessoas da casa, apesar de 61 participantes classificarem como ótimo, os outros classificaram como bom, regular e péssimo, mostrando que não há diálogo. Já 49 participantes disseram ter apelidos dados pela família, contudo, ao ver os apelidos, eles eram diminutivos do nome em sua maioria, fazendo-me refletir que a pergunta não foi bem elaborada, visto que eu queria saber se possuíam algum apelido que eles não gostavam.

O ensino fundamental teve uma grande participação e, apesar do que muitos pensam, tais alunos são da rede pública de ensino e classificaram o ambiente da escola

como aconchegante. Um relato chamou atenção: *“sempre estudei em colégio particular e todos os que eu passei sofri assédio e apelidos ruins sobre meu corpo e diziam que em colégio particular não tinha isso, esse ano estou no público e espero não sofrer isso novamente”*.

Contudo é importante salientar que 10 pessoas disseram se relacionar bem, mas não há apoio educacional e outras 14 não se sentem à vontade, não havendo espaço para conversas. O mesmo acontece quando perguntado sobre o relacionamento entre as pessoas da turma, onde uma minoria aponta como regular, ruim ou péssimo, deixando o questionamento de por que essa minoria não é assistida visto que os colegas relataram ser um ambiente acolhedor?

Outra questão que chama atenção é apenas uma pessoa não ter conhecimento sobre o *bullying* e 15 pessoas não considerarem grave ou apenas às vezes fazer piadas sobre o corpo de alguém, 16 sobre o intelecto de alguém e 7 sobre as condições sociais de alguém. Ao se ter conhecimento sobre o *bullying*, espera-se que seja entendido sobre a gravidade de tal ato. Tais números também mostram uma certa sensibilidade no grupo em que estão inseridos. Não veem gravidade nas piadas sobre o corpo ou intelecto, contudo o número cai para metade quando se referem às condições sociais.

Ora, não existe um tipo de *bullying* mais brando que o outro, a vítima sofre com qualquer “piada” que venha a expô-la de alguma forma. Aqui seguem 3 relatos sobre o corpo:

*“A minha experiência com o bullying foi muito ruim, pois quando eu era mais nova várias pessoas da minha sala de aula ficavam me chamando de magrela e palito.”*

*“Eu já sofri bulling (em várias outras escolas) por ser magra, e pelo meu cabelo cacheado. Nunca disse a ninguém, pois era muito pequena e não entendia a importância de falar o que acontecia comigo, mas hoje entendo o quão importante isso é.”* e *“eu já sofri muito bullying pelo fato de eu sempre ter sido muito gordinha, e dps de um tempo q comecei a criar corpo eu comecei a escutar coisas que me deixam muito desconfortáveis, como assédio, passada de mao, etc. mas eu sempre discuto com pessoas assim, pq eu n gosto nem um pouco, nenhuma mulher gosta né.”*

Mais da metade dos respondentes já tiveram algum contato com o *bullying*, seja na condição de vítima, autor ou espectador. Levando em conta a baixa idade, o número é assustador, principalmente quando há a separação das categorias, onde 49 já foi vítima, 23 já praticou e 65 já observou. Em consonância com outros autores, a exemplificar

Zequinão (2016), a presente pesquisa também obteve como resultado o maior número de alunos como espectadores, destacando a importância desse grupo no combate a violência escolar. Depoimentos que mostram a força dos espectadores diante as agressões dos autores:

*“Eu presenciei o bullying praticamente todos os meus anos na minha escola do ensino fundamental 2 (durante 4 anos). Era na sala de aula, na sala de leitura, no recreio, nas aulas de educação física, enfim. A vítima (vou chama-lo de JV) é meu amigo, eu, junto com outro amigo, tento ajudar o JV, mas ele se sente mal em falar sobre o assunto, e acha que não precisa de ajuda para lidar com a situação. Quando eu tentava defender essa vítima, alguns me "zoavam" também, mas de uma forma "mais tranquila" em comparação a JV. Não tenho mais tanto contato com ele, por conta da quarentena, mas acho que a quantidade de bullying com JV diminuiu, porém tenho certeza que ele ainda se sente muito mal pelo o ocorrido durante os anos...”*

*“Eu nunca fui mto de me meter em coisas assim,sla,n gosto de ficar arranjando encrenca com ngm. Presenciei o bullying algumas vezes, eu ficava com receio de me meter e acabar acontecendo algo. Mas das vezes em q enfrentei, falei o bastante para q n continuasse com o ato. N gosto disso com ngm, ainda mas se for amigos meus, eu me meto msm e n tô nem aí. Acho q só msm rs”*

*“Tem um amigo na classe que é excluído por ser autista ,e eu tento sempre está presente e próxima para ajuda lo .”*

Como ressaltai mais atrás, Imaturidade teve destaque quanto ao que leva a prática de *bullying*, contudo, os atos de humilhação, assédio e brincadeiras de mau gosto são encontrados nos relatos, seguido de chamar atenção e falta de amor onde são características abstratas, mas que preenchem o campo dos sentimentos e autoestima. Para Esteve e Arruda,

*“Os valores morais estão ficando de lado, respeito, bondade e amizade, as tão antigas, mas ainda tão necessárias palavrinhas mágicas, com licença, por favor, e obrigada muitas vezes não se aprende mais em casa [...] atos esses que podem até parecer simples, e que não tenham nada haver com o *bullying*, nada mais são que também atos de desrespeito com o próximo, e que vão formando o caráter de cada pessoa e a ensinando a respeitar e a valorizar o seu próximo, ou ensinando a ser o centro do mundo onde ninguém mais importa se a própria pessoa esteja feliz. Para que se tenha uma real melhora nos números de quadros de *bullying* temos que ter um trabalho em conjunto de pais e educadores, onde ambos vão ajudar essa criança que está praticando *bullying* a ter em primeiro lugar uma nova visão de si mesma e depois uma nova visão das outras pessoas que a cercam” (ESTEVE; ARRUDA, 2014, p. 19).*

Praticamente nenhum dos participantes negou a importância de se pedir ajuda

quando se sofre o *bullying* e apenas um não acha importante pedir ajuda quando se observa, havendo também um relato de que é importante. Contudo, fala da dificuldade e do medo de se tornar a próxima vítima. Como já foi visto, os espectadores possuem um papel importante para o término da prática e os participantes reconheceram. Quando perguntado sobre a importância de se pedir ajuda quando se comete o *bullying*, 12 alunos não consideraram importante e alguns depoimentos mostraram que é necessário para mudar o comportamento. O autor precisa de ajuda assim como a vítima e até mesmo o espectador.

Tognetta e Vinha explicam que

“o autor de *bullying*, também precisará de grande ajuda porque também é um sofredor. Geralmente, o comportamento de intimidação e provocação constante esconde alguém amargo, que aprendeu a resolver seus problemas de falta de valor a si mesmo buscando rebaixar os outros. Esconde também outra dificuldade: acha que todos devem atender a seus desejos de imediato e não consegue, do ponto de vista psicológico, sair de si e colocar-se no lugar do outro. É alguém que, para se defender, ataca. Esses não aprenderam a transformar suas raivas em diálogo, em superação de problemas e na busca de um valor de si, precisam se sentir superiores aos outros. E mais: o que aprenderam a valorizar são formas de violência e de humilhação sobrepostas à justiça ou à humildade” (TOGNETTA; VINHA, 2008, p. 7).

Para Esteve e Arruda,

“em alguns casos o autor também é vítima do *bullying*, esse começa a praticar atos de *bullying* contra outros colegas mais fracos para que com isso consiga descontar o que ele mesmo sofre de outras pessoas. Em outros casos, alunos violentos na escola querem descontar ali o que estão sofrendo em casa de pais, irmãos ou outros parentes violentos, ou ainda querem pôr em prática a violência sofrida nas ruas” (ESTEVE; ARRUDA, 2014, p. 19).

“Amor ao próximo e solidariedade” foi o ponto destacado para que as pessoas tenham um bom relacionamento nas escolas, seguido de diálogo na escola e diálogo em casa, trazendo a questão do diálogo mais uma vez como importância para uma boa convivência e resolução de conflitos. Destaca-se ainda que o apoio dos pais teve mais votos que o apoio dos profissionais de educação, levando-nos a refletir sobre a necessidade que a criança tem em ser aceito e próximo de seus responsáveis.

No que diz respeito às consequências, além das referências bibliográficas, os depoimentos também merecem destaques, mostrando a dor que as vítimas sentem mesmo depois de algum tempo:

*“Bom desde pequena que entrei na escola eu sofria muito bullying as pessoas ja chegaram a dizer que me odiavam,faziam fofoquinhas,e falavam coisas pra mim que eu me sentia muito mau e ainda sinto pois ainda acontece as pessoas me zoam e fazem brincadeiras sobre minha boca ser grande demais (não é tao grande mais eles querem sair dos melhores da escola por falar isso ne)zoam que se eu beijar alguem vou engolir*

*a pessoa , que eu pareço um pato, beijo de linguíça varios insultos e eles criticam meu corpo tambem sobre eu ser magra nao ter o corpo perfeito da sociedade me sinto muito mau por ouvir isso e tenho muita baixa auto estima por ouvir isso e realmente ver que tem meninas melhores e muito mais bonitas que eu.”*

*“Eu não sofri os mais pesados, mas sim, sofri principalmente no princípio da minha experiência escolar, principalmente piadas com o meu corpo e o meu jeito mais "isoladão" no canto, fui excluído por esse jeito de agir e não tive um acompanhamento, por conta disso acredito que posso ter me tornado inseguro e em efeito, posso determinar que tenho certas sequelas desse período. Bom, esse foi meu relato e espero que seja bem usado na pesquisa.”*

*“O bullying é muito triste, eu sei porque já passei por isso, dependendo com o q for vc fica insegura com as coisas, eu já ouvi comentários que nn gostei e me magoou, então o bullying é uma coisa desagradável pra mim, e acredito que deve ser para outras crianças/adolescentes também”, “Quando eu tinha uns 6 anos sofri muito bullying na escola particular, eu era gorda, e meu cabelo estava em transição capilar, foi um ano difícil, eu não queria comer, só pensava em emagrecer, os comentários afetavam muito os meus pensamentos, foi realmente uma fase desagradável”.*

Sem enumerar os casos onde os participantes não queriam falar sobre o assunto, relatando até que não se sentiam confortáveis para tal.

## **6.CONCLUSÃO**

O presente trabalho não tem por objetivo culpabilizar as instituições família e escola, mas alertar quanto aos danos causados e sofridos pelos envolvidos e mostrar a força que tais instituições possuem no que diz respeito ao tratamento e observância dos comportamentos para prevenção e término dos atos que envolvem a prática, assegurando um desenvolvimento sadio nessa fase de descobertas e transformações que por vezes inquietam e estressam as crianças e adolescentes.

As relações interpessoais presentes nas instituições, sobretudo na família, estabelecem laços fortes de cuidado e responsabilidade com os membros. Os resultados

mostram uma certa evidência para a influência da família no envolvimento com o *bullying* diante dos relatos, que expõem a necessidade do diálogo no ambiente familiar. Respondendo o problema de pesquisa, os depoimentos e os gráficos convergiram para o início do *bullying* ocorrer devido a imaturidade, querer chamar atenção e falta de amor, trazendo como consequência a evasão escolar, troca de escola, exclusão, isolamento, sentimento de inferioridade, tristeza e fim da própria vida.

Ressalta-se a força do diálogo para a compreensão dos sentimentos e aproximação das partes, estabelecendo confiança para o enfrentamento das dificuldades. Diálogo esse que foi ausente ou que poderia melhorar nos lares e, ao mesmo tempo, indicado como faltante para um bom relacionamento nas escolas, mostrando que muitos jovens ainda esperam por uma conversa sem julgamentos para conhecimento e crescimento pessoal, a fim de que possam compreender e aceitar o outro na mesma medida em que são compreendidos e aceitos. Isso vale para todos os envolvidos com o *bullying*, seja vítima, espectador ou autor.

Diante disso, a superação do *bullying* depende de todos. É um trabalho em equipe onde a família, a escola, os profissionais (professores, psicólogos...) e os próprios alunos se sintam determinados a dar cabo nas práticas, fazendo com que a escola e a família sejam ambientes tranquilos e democráticos.

Minha pesquisa, como ressaltai no início da apresentação desse texto, foi desenvolvida em contexto pouco favorável, sendo finalizada durante a Pandemia da COVID-19. Entretanto, em que se pesem as dificuldades introduzidas pela impossibilidade de encontros face a face, a de se ressaltar que a uniformização do distanciamento social como regra (nem sempre seguida), parece ter favorecido a adesão a proposta de resposta ao questionário, como também em propiciar, para algumas das pessoas que responderam, um distanciamento para refletir e promover, por assim dizer, “um ajuste de contas” com a prática do *bullying*. Pensando um pouco, talvez eu não tivesse acesso a tantas informações objetivas, como as que me foram propiciadas pelo método que empreguei. Ainda que, reafirmo, penso que há aspectos qualitativos que mereceriam um acompanhamento dos contextos, para fazer emergir elementos não pronunciados e que favorecessem uma melhor problematização.

Finalmente, julgo que o esforço aqui reunido oferece elementos para futuros trabalhos sobre o tema, levando adiante a ideia da proximidade com os membros das famílias e a necessidade de uma investigação no que diz respeito às condições

socioeconômicas e educacionais dos responsáveis. Acrescenta-se ainda a possibilidade de uma comparação com alunos da rede particular, onde se levanta questões acerca das atividades extraclasse, acesso à cultura, tempo disponibilizado a lazer com os responsáveis e tipo de moradia, refletindo também com os responsáveis dos alunos sobre o *bullying* e como eles passaram por isso na época da escola, onde muitos não tinham conhecimento sobre o tema.

## REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Cláudia de Moraes; HUTZ, Claudio Simon. Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. *Psicol. Esc. Educ.*, Maringá, v. 16, n. 1, p. 35-44, June 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-85572012000100004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572012000100004)>. Acesso em: 27 de agosto de 2020

BENTO, Kelly Cristina Menezes; HUMPEL, Paola Raffaella Arabbi; MADABA, Celestino Manuel. Bullying vs. Educação escolar inclusiva - Revista da Associação Brasileira de Psicopedagogia. Relato de Pesquisa - Ano 2019 - Volume 36 - Edição 11. Disponível em: <http://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/617/bullying-vs--educacao-escolar- inclusiva>

BRASIL. Conselho Nacional de Justiça. Bullying: Cartilha 2010 – Projeto Justiça nas Escolas. 1 ed. Brasília, DF, 2010. Disponível em: <[http://www.truzzi.com.br/blog/wp-content/uploads/2010/10/Cartilha\\_Bullying\\_CNJ.pdf](http://www.truzzi.com.br/blog/wp-content/uploads/2010/10/Cartilha_Bullying_CNJ.pdf)>. Acesso em: 30 jun. 2020.

BRASIL. Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei\\_voll1.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_voll1.pdf)

Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, 1990. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm)>. Acesso em: 18 dez. 2018.

Ministério da Educação. Saiba Mais – Programa Mais Educação. 2018. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=16689:saiba- mais-programa-mais-educacao>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Diretrizes Nacionais para a Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens na Promoção, Proteção e Recuperação da Saúde. Brasília, 2010. Disponível em: <[http://www.adolescencia.org.br/upl/ckfinder/files/pdf/diretrizes\\_normalizado\\_final.pdf](http://www.adolescencia.org.br/upl/ckfinder/files/pdf/diretrizes_normalizado_final.pdf)>. Acesso em: 10 dez. 2019.

Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Saúde do Adolescente: competências e habilidades. Brasília, 2008. Disponível em:

<[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude\\_adolescente\\_competencias\\_habilidade.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_adolescente_competencias_habilidade.pdf)>. Acesso em 10 dez. 2019.

CALDEIRA, Laura Bianca. O conceito de infância no decorrer da história. 2008. Disponível em: <<https://btux.com.br/professorbruno/wp-content/uploads/sites/10/2018/07/O-Conceito-de-Inf%C3%A2ncia-no-decorrer-da-inf%C3%A2ncia.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2020.

CAMARGO, Carolina Giannoni. Refletindo sobre o bullying na educação infantil. In: FANTE, Cleo; PRUDENTE, Neemias Moretti. Bullying em debate. São Paulo: Paulinas, 2015. 190 p., p. 51-77.

CHALITA, Gabriel. Bullying, o crime do desamor. Revista Profissão Mestre. Ano 9, n. 99, dez. 2007.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. Paidéia (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, v. 17, n. 36, p. 21-32, Abr. 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a03>>. Acesso em: 13 dez. 2019.

FANTE, Cleo. Bullying no ambiente escolar. In: FANTE, Cleo; PRUDENTE, Neemias Moretti. Bullying em debate. São Paulo: Paulinas, 2015. 190 p., p. 79-107.

FANTE, Cleo. Brincadeiras perversas – bullying, da depressão ao suicídio. Revista Mente & Cérebro. 181 ed. Fev. 2008.

FREIRE, Alane Novais; AIRES, Januária Silva. A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do Bullying. Psicol. Esc. Educ., Maringá, v. 16, n. 1, p. 55-60, jan-jun 2012. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-85572012000100006](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572012000100006)>. Acesso em: 01 jul. 2020.

FREIRE, Isabel P.; VEIGA SIMÃO, Ana M.; FERREIRA, Ana S. O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico - um questionário aferido para a população escolar portuguesa. Revista Portuguesa de Educação, v. 19, n. 2, p. 157-183, 2006. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=37419208>>. Acesso em: 17 set. 2019.

Fundação CAPES. Pibid - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. 2018. Disponível em: <<https://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/pibid>>. Acesso em: 04/12/2019

GIL, Antonio Carlos. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. 4 ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002. 176 p.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. Revista de Administração de Empresas, v. 35, n. 2, p. 57-63, abr. 1995.

LINS, R. C. B. S. Bullying: Que fenômeno é esse? Rev. Pedag., vol. Inaugural, 2010. LOPES

NETO, Aramis A. Bullying. Rev. Adolescência e Saúde, v. 4, n. 3, ago. 2007, p. 51-56. Disponível em: <[http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe\\_artigo.asp?id=101](http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=101)>. Acesso em: 01 jul. 2020.

MALMANN, Alexandre. O fenômeno bullying e suas manifestações nas escolas de Goiânia. In: Associativismo, Profissões e Políticas Públicas III Seminário Nacional de Trabalho e Gênero

Gênero, Associativismo e Políticas de Emprego e Renda . 2012. Disponível em  
<<https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/245/o/ALEXANDRE.pdf>>

MICHAELIS. Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Editora: Melhoramentos, 2018.  
Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 18 dez. 2018.

MILANI, Robledo. Carrie: a estranha – Crítica. Papo de Cinema. Porto Alegre, 2017.  
Disponível em: <<https://www.papodecinema.com.br/filmes/carrie-a-estranha>>. Acesso em: 04 dez. 2019

MIRANDA, Ricardo J. P. Metodologia. 2009. Disponível em:  
[https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/5489/9/ulfc096328\\_3\\_metodologia.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/5489/9/ulfc096328_3_metodologia.pdf)

OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bassóli de; PERIM, Gianna Lepre. Fundamentos pedagógicos para o programa segundo tempo. 1º Ciclo Nacional de Capacitação dos Coordenadores de Núcleo. Porto Alegre: UFRGS, 2008. Disponível em:  
<[https://projetopstbrasil.uem.br/portal/images/FundamentosPedagogicos\\_PST.pdf](https://projetopstbrasil.uem.br/portal/images/FundamentosPedagogicos_PST.pdf)>. Acesso em: 10 dez. 2019.

PADILHA, Adriano et al. Série 13 Reasons Why - temporada 1. 2018. Disponível em:  
<<https://www.culturagenial.com/serie-13-reasons-why-de-brian-yorkey/>>. Acesso em: 04 dez. 2019.

PASCHOAL, Gisele Ribeiro; MARTA, Taís Nader. O papel da família na formação social de crianças e adolescentes. Confluências – Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito, v. 12, n. 1, p. 219-239, 2012. Disponível em:  
<<http://www.confluencias.uff.br/index.php/confluencias/article/view/91/112>>. Acesso em: 18 dez. 2018.

PORFÍRIO, Francisco. "Sociedade"; Brasil Escola. Disponível em:  
<https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/sociedade-1.htm>. Acesso em 07 de março de 2024.

PRADO, Danda. O que é família. São Paulo: Editora Brasiliense, 2017. p.70

PRUDENTE, Neemias Moretti. O bullying no ambiente escolar: compreensão e enfrentamento. In: FANTE, Cleo; PRUDENTE, Neemias Moretti. Bullying em debate. São Paulo: Paulinas, 2015. 190 p., p. 129-190.

RIBEIRO, Elisa. A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. In: Evidência, olhares e pesquisas em saberes educacionais. Número 4, maio de 2008. Araxá. Centro Universitário do Planalto de Araxá.

ROSA, Alexandre Morais da. Recreio às moscas. Nota sobre o bullying nas escolas. In: FANTE, Cleo; PRUDENTE, Neemias Moretti. Bullying em debate. São Paulo: Paulinas, 2015. 190 p., p. 13-22.

SBT estreia a novela "As Aventuras de Poliana", de Iris Abravanel, no próximo dia 16 de maio. Tele Viva. Disponível em: <<https://telaviva.com.br/09/05/2018/sbt-estreaia-novela-as-aventuras-de-poliana-de-iris-abravanel-no-proximo-dia-16-de-maio/>>. Acesso em: 04 dez. 2019.

SILVA, Moura Sobrinho. Bullying: sua origem e evolução; In: Moura Coaching. Disponível em:  
<https://www.mouracoaching.com/origem-e-evolucao-do-bullying/>

SIMMEL, Georg. A natureza sociológica do conflito. In: MORAES FILHO, Evaristo de (org.). Georg Simmel: sociologia. São Paulo: Ática, 1983. Cap. 8, p. 122-134.

TOGNETTA, L.R.P.; VINHA, T.,P. Estamos em conflito, eu comigo e com você: uma reflexão sobre o bullying e suas causas afetivas. In: CUNHA, J.L.; DANI, L.S.C.: Escola, conflitos e violências. Santa Maria: Ed. Da UFSM.

<http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/Educacao/Doutrina/Bullying%20Estamos%20em%20conflito.pdf>

Ou TOGNETTA, Luciene Regina Paulino; VINHA, Telma Pileggi. Estamos em conflito, eu comigo e com você: uma reflexão sobre o bullying e suas causas afetivas. Escola, conflitos e violências, p. 1-37, 2008.

Sítios consultados

[http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes\\_pdf/educacao/v5\\_n1\\_2014/Crislaine.pdf](http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes_pdf/educacao/v5_n1_2014/Crislaine.pdf) Esteve e Arruda 2014

[http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbcdh/v26n3/pt\\_10.pdf](http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbcdh/v26n3/pt_10.pdf) Zequinão et al 2016

<https://pt.slideshare.net/DanielElektron/livro-proprietrio-tecnologia-da-informao-e-comunicacao> CAMARGO 2014